ALIX

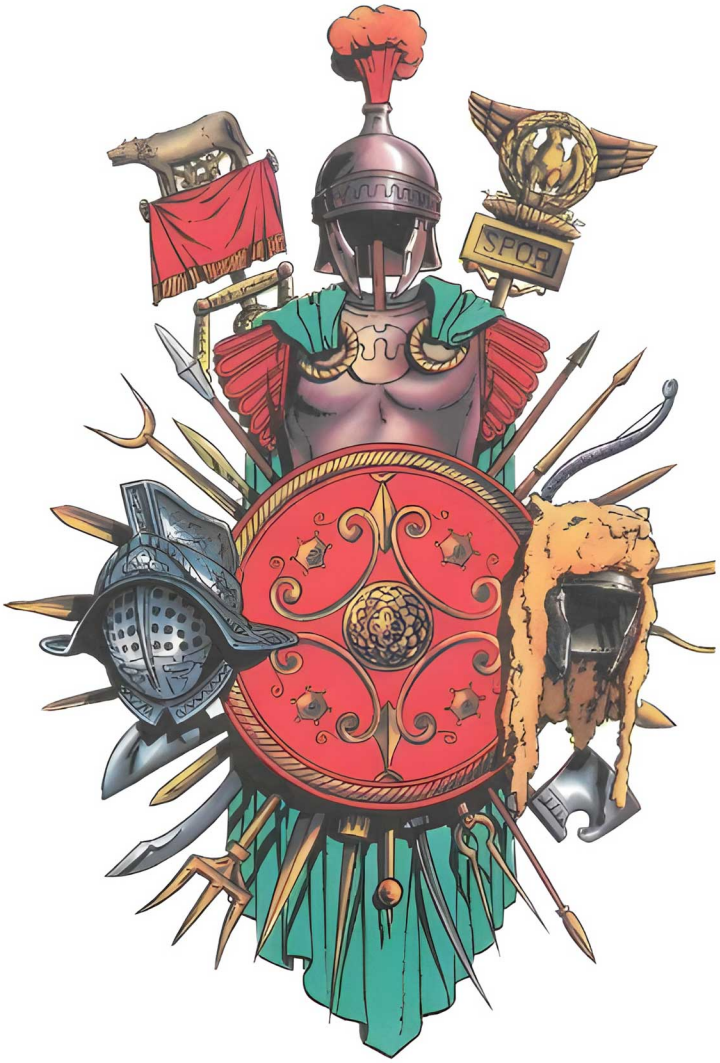
JACQUES MARTIN

ALIX, O INTRÉPIDO

ASA

JACQUES
MARTIN

ALIX O INTRÉPIDO



edições 70

No ano 53 a.C. Roma, governada pelo Triunvirato (César, Pompeu e Crasso), envia as suas legiões á conquista do Mundo. Enquanto Pompeu se mantém em Roma, César invade a Gália e Crasso interna três colunas do seu exército no antigo Império Caldaico-Assírio, defendido pelos Partos... Nessa altura, o General Flavius Marsalla, comandante da ala norte, penetra em Khorsabad — a cidade fabulosa — após um cerco prolongado demais para a vontade do sitiante.

Dos numerosos defensores das muralhas só restam cadáveres. Desta vez os romanos não encontrarão novos escravos para as suas galeras.

Ébrio de orgulho, Marsalla avança pela cidade silenciosa, seguido pela sua legião vitoriosa mas morta de calor. O seu êxito vai ser conhecido em Roma...

... e já imagina as honras supremas, sem suspeitar de que um habitante, escapado ao massacre, o observa.

Ei!... Nervus! Depressa para o palácio do rei Sargão... Apressa-te!

Como a tropa se enfia por uma rua estreita, o jovem escravo que espia os romanos apoia-se a uma balustrada...

Apesar do perigo, põe-se pouco a pouco a descoberto e para ver melhor agarra-se a um reposteiro.

Serão do meu país?... Como sabê-lo?...

Mas a sua mão apoia-se perigosamente sobre a borda rachada do muro.

As pedras cedem e, para não cair, o jovem agarra-se ao reposteiro enquanto alguns calhaus se soltam.

Por azar, as pedras caem em cima do carro do general e uma delas atinge Marsalla na nuca. O romano solta um grito e tomba. Assustados por aquele súbito tumulto, os cavalos empinam-se e a confusão logo se estabelece em toda a escolta.

Mas um centurião levanta a cabeça e descobre o rapaz antes que este se esconda.

É uma agressão!... Olhem lá para cima.

Dão-se ordens, logo executadas, enquanto um oficial se debruça sobre o corpo do general.

Nos terraços, os soldados depressa descobrem o fugitivo.

Por aqui!... Vai a fugir pela galeria exterior.

Após uma corrida extenuante o jovem escravo vê-se cercado. Os legionários aproximam-se... um deles, ergue o dardo...

Pára... CANALHA!

Um centurião agarra o braço do soldado, no momento em que o dardo vai partir, e a arma cai.

Inútil! Não consegue fugir. Eu trato dele.

De espada na mão, o oficial avança. Um silêncio mortal, cortado apenas pelo ruído dos passos, deu lugar ao tumulto.

Aproximando-se do jovem escravo, o romano agarra-o com brutalidade pelos cabelos.

Pensavas fugir?... Mas não se mata impunemente um general!... Cão!...

Mas a pedra apenas tinha aturdido Marsalla, que já exige que lhe tragam o agressor.

O general está vivo... Quer castigar o culpado!... Levem-lho.

A ordem é logo transmitida ao centurião

Muito bem, levem-no, mas depressa!

Vamos!... Corre!... A bom correr!... Tinhas mais pressa ao atacar o nosso general, hein?

Louco de raiva, Marsalla treme ainda ante a ideia de que uma pedra poderia ter posto termo ao seu destino.

O escravo não tarda a chegar junto do general. Com um empurrão brutal é atirado ao chão.

Como te chamas?... Como é que ainda estás vivo?... Onde estavas escondido?

Chamo-me Alix. Estava escondido nas caves do palácio de Sargão... Eu não queria matar-te!

Alix! Mas é um nome gaulês! Estranho!... Se estavas no palácio de Sargão deves saber onde se encontra o famoso tesouro!...

Bem, leva-me ao esconderijo, já!... Mas, cuidado, não tentes fugir. Se o fizeres, morres!...

Nesse mesmo instante, um cavaleiro galopa a toda a pressa para Khorsabad. Inquieto, volta-se muitas vezes para vêr se é seguido.

O cavaleiro chega à vista da cidade. Como se se sentisse impaciente por se abrigar, acicata ainda mais a montada...

... depois ultrassa, rápido, a grande porta das muralhas, ante a surpresa das sentinelas que acabam de reconhecer um romano.

Onde está o general?... Tenho uma mensagem urgente a transmitir-lhe.

O cavaleiro desce do cavalo e interpela um soldado:

Conduz-me ao general. É urgente!

Nas caves do palácio Marsalla descobre as fantásticas riquezas de Sargão.

E, à luz de archotes, os soldados contemplam o seu chefe que se entrega, desenfreado, à sua cupidez.

Mil graças aos deuses da guerra e da fortuna. Estou rico! Fabulosamente rico!

Mas um oficial interrompe este solilóquio. Surpreendido, o general volta-se e...

Trago-te um centurião do exército de Crasso com uma mensagem para ti.

A situação é grave. O triúnviro Grasso foi assassinado num encontro com Orodés, rei dos Partos. Este fez-lhe escorrer ouro pela boca abaixo, a gritar: "Sacia-te deste metal de que és tão ávido!"

Então, sem o seu chefe, o exército central bateu em retirada e fez-se exterminar perto de Antióquia. Os poucos sobreviventes dirigem-se para o Norte... A única oportunidade que te resta de escapar aos Partos é fazeres o mesmo, sem demora.

Marsalla estremece. Sabe o que o espera em caso de derrota. Apanhado? Não, ainda não. O conselho é bom. Na montanha, a cavalaria parta será menos perigosa.

Soldados, deixamos esta cidade e partimos para o Ponto Euxino. Carreguem todos os tesouros que puderem e incendeiem o palácio.

Alix, que ouviu tudo, tenta escapar-se ao olhar de Marsalla... Mas é demasiado tarde!

Amarrem esse patife a uma coluna. Morrerá no incendio.

Uns tantos legionários fazem logo uma cortina em tiras e amarram Alix, que se debate em vão.

O fogo, crepitando, atinge os madeiramentos e as tapeçarias. Os últimos romanos deixam precipitadamente a sala.

Enervados pelas más notícias e pelo fogo que os persegue, os homens empurram-se para sair do palácio.

Sobraçando os vasos preciosos, incitados pelos oficiais, correm como podem. As primeiras coortes saem já da cidade.

Ao ficar só, Alix vê com horror as chamas a rodeá-lo... Tenta, com desespero, libertar-se, mas as cordas são sólidas!...

Súbito, o fogo redobra de intensidade e as labaredas atingem a coluna, queimando as cordas.

Com todas as suas forças, o jovem faz ceder as cordas e solta-se... Não era sem tempo...

... porque o calor se torna sufocante e o incêndio se intensifica.

Terei ainda tempo de chegar ao átrio?... Não vejo nada!...

Saltando por cima dos obstáculos, meio asfixiado pelo fumo, Alix consegue, por fim, sair do palácio.

Extenuado, decide descansar um pouco, mas o perigo ainda não passara!

A cidade está deserta!... Mesmo assim, cuidado!

Alix caminha, cauteloso, pelas ruas silenciosas, a espiar os mais pequenos recantos... Ninguém!

Nem por isso sossegado, o jovem senta-se ao pé de uma escada obstruída e reflecte.

Partir?... Mas para onde?... Não conheço a região; perder-me-ia!...

Entretanto, as sombras alongam-se e o Sol desaparece por detrás das montanhas que cobrem a retirada dos romanos.

Cansado, Alix não tarda a dormir, envolto num reposteiro, enquanto o calor do dia dá lugar a uma doce frescura.

Manhã cedo, estranhos cavaleiros observam o local do alto de uma colina. Surena, o general Parto, contempla Khorsabad com uma expressão de ódio e desprezo.

Um único olhar bastou para compreender que chegara muito tarde. Os romanos haviam partido... Volta-se, então, para os seus homens.

Em frente! Temos de descobrir o caminho seguido pelo inimigo.

Instantes depois, irrompem pela cidade.

Um punhado de ouro a quem descobrir sinais do caminho tomado pelos romanos.

Os fogosos cavaleiros lançam logo as montadas pela cidade deserta...

... quando bruscamente, um deles pára o cavalo.

Olha... Ali!... Alguém a dormir!...

O Parto faz meia-volta, observa, por instantes o local onde vira uma forma humana e cavalga para lá.

Soltando um grito agudo, chega a toda a brida junto do adormecido, agarra-o por um braço e arrasta-o numa louca corrida...

Esta estranha equipagem depressa desemboca numa grande praça onde se encontra o grosso do exército parto.

O cavaleiro refreia a montada e atira violentamente Alix para a frente. Este quase cai...

... mas consegue parar diante de um personagem imóvel que parece ser o chefe.

Quem és tu?... Que fazes aqui?... porque é que estás só?...

Vá, responde!... Diz-me porque é que os romanos te pouparam!... Então, és mudo ou quê?

Alix apressa-se a contar a sua aventura, sem omitir qualquer pormenor. Os Partos escutam-no com interesse...

O rosto do general mantém-se duro e impassível. Terminada a sua história, o jovem espera, inquieto, que decidam sobre a sua sorte... O que dura um certo tempo...

... depois, bruscamente, Surena descontrai-se e mostra-se mais afável.

Acredito em ti! Concedo-te, pelo menos, o benefício da dúvida.

Deem um cavalo a este rapaz e que ele parta para onde quiser. É uma ordem.

Pouco depois, Alix monta um cavalo que um soldado acaba de lhe trazer.

Agora este cavalo é teu...

Devagar, Alix afasta-se, ansioso por deixar aqueles lugares. Mas não se apressa, sentindo os olhares enigmáticos dos soldados partos fixos nele.

Surena faz sinal a um guerreiro para se aproximar e murmura-lhe algumas palavras ao ouvido. O soldado inclina-se e depois afasta-se.

Avança uns passos, escolhe uma flecha, levanta o arco na direcção de Alix e aponta com cuidado.

O arqueiro visa lentamente... Larga a corda e a flecha parte a assobiar.

Passa sobre a cabeça de Alix que não pode reprimir um grito de surpresa!...

O jovem lança o cavalo para a frente, para tentar escapar aos projécteis que se vão seguir.

Não!... Deixem-no. Se me mentiu, há-de tentar juntar-se ao exército romano, pondo-nos, assim, na pista do inimigo.

Excelente ideia, meu general!... Por medo, aquele escravo vai, talvez, levar-nos á vitória.

Com efeito!... A cavalo, e sigámo-lo à distância.

Ao atingir as plataformas das muralhas, Alix volta-se por instantes, e constata que ninguém o segue.

Surpreso, mas um tanto sossegado, prossegue no seu caminho sem refrear a montada...

... quando, de súbito, o cavalo, nervoso, se encabrita e relincha.

Num repente, o jovem mede o perigo: precipita a montada no vazio e o animal tenta furiosamente saltar. Mas em vão!...

O outro bordo é muito afastado: cavalo e cavaleiro caem nas águas sombrias de um tanque.

Com um violento golpe de rins, Alix consegue libertar-se e mergulhar nas águas.

Ao voltar, rápido, à superfície, procura o cavalo que relincha, inquietantemente.

Onde estou eu? Que tanque é este?...

Numas tantas braçadas, alcança o cavalo que parece enlouquecido.

Aaah!... É o tanque dos crocodilos!...

A soltar roucos grunhidos que se repercutem nas paredes do fosso, os enormes sáurios, destinados aos jogos sanguinários dos sátrapas, encaminham-se para aquelas presas inesperadas.

Agarrado à montada, Alix lança um olhar desesperado á sua volta.

Nenhuma saída!... E os monstros que se aproximam...

Não longe dali, Surena apercebeu-se do ruído da queda de Alix.

Ouviram?... Deve ter caído no tanque! Depressa, vamos ver.

Ao pararem os cavalos no bordo da muralha, vêem, surpresos, os monstruosos sáurios aproximarem-se de Alix.

Um deles já se encontra perto, a grande goela aberta. Vai atingir a vítima e triturá-la, sem piedade.

E não tenho uma arma!... Que fazer?...

Depressa, desmontem e socorram o rapaz por todos os meios. Preciso dele vivo. Compreenderam? VIVO!...

As ordens de Surena são logo cumpridas e os arqueiros lançam uma revoada de flechas sobre o animal que ameaça Alix.

No momento em que a goela do sáurio se vai a fechar sobre a presa, as flechas atingem-no...

... e o monstro torce-se violentamente, solta um grunhido selvagem e mergulha com fúria.

Os Partos tomam então os outros crocodilos como alvo.

Alix pensa apenas em sair daquele terrífico local. Ao descobrir uma galeria em plano inclinado dirige para lá a montada...

... enquanto os arqueiros Partos acabam de exterminar os sáurios que se contorcem num redemoinhar fantástico.

Perfeito!... Agora apanhem o jovem escravo. Conseguiu escapar pela passagem ali em baixo. Temos de o ir surpreender à saída.

A toda a brida, os soldados dirigem-se para a segunda saída do edifício.

Lá está a saída!... Mas tem a grade fechada!...

Os cavaleiros aguardam à espera de que a grade se abra de um momento para outro, mas nada se mexe!

Talvez se tenha dissimulado na sombra!...

Fartos de esperar, os Partos descem ao fundo fosso e aproximam-se da grade...

... alguns deles saltam dos cavalos para examinar o escuro corredor.

Ninguém?! No entanto, foi nesta galeria que ele entrou! E agora?...

Surena já lá se encontra e dá as suas ordens.

Em vez de conversar, abram essa grade.

E, sob o olhar impaciente do chefe, os Partos levantam as trancas; a seguir esforçam-se para fazerem girar sobre os gonzos aquela pesada porta.

Tornando a montar, os soldados cedem o passo a Surena que é o primeiro a entrar na penumbra...

Ao chegar ao meio do corredor, o general descobre uma galeria secundária.

Foi por ali que se escapou! Apesar de termos poucas oportunidades temos de o apanhar, vamos!

Iluminados, de tempos a tempos, pelas clarabóias, os Partos mergulham nos meandros das galerias...

... enquanto Alix galopa ao ar livre. Conseguiu sair de Khorsabad e sobe uma colina que depressa o subtrairá aos olhares dos perseguidores.

Chegado ao cimo, pára o cavalo, faz-lhe dar meia volta e imobiliza-o.

Nesse mesmo instante, os cavaleiros Partos, saídos dos subterrâneos, franqueiam a porta fortificada que controlava as águas do rio...

... em que os cavalos têm de avançar a nado.

Bah! Estamos a perder um tempo precioso!...

Por fim, quando a vanguarda atinge a outra margem, Surena refreia o passo para perscrutar o horizonte...

Súbito, um arqueiro solta uma exclamação de alegria.

Meu general, olhe!... Além!... Está a ver?... No cimo?... É ele!

Com efeito, Alix, imóvel, parece esperar e desafiar os Partos.

Não atires, é inútil. Está fora de alcance... Aliás, é melhor tentar a astúcia...

Um oficial interpela subitamente o general.

Olha, Surena!... Ele dirige-se para nós!...

Diante do exército Parto, surpreso, Alix desce lenta e pausadamente.

Calmo e seguro, aproxima-se dos Partos. Ao chegar perto de Surena pára e enfrenta, sem fraquejar, o olhar do general.

Tinhas possibilidade de fugir e não o fizeste. Porque? O que é que te leva a voltar para nós?...

Os teus soldados podiam ter-me matado. Não só não o fizeram como permitiram que escapasse aos crocodilos... Querias apenas assustar-me...

Pensaste que eu era um espião dos romanos e esperaste que te levasse a eles. A verdade é que não sei o caminho tomado pelos teus inimigos... Voltei porque, sem armas, tenho poucas possibilidades de sobreviver.

Embaraçado, Surena fica por momentos silencioso, a olhar fixo para Alix. Depois, o rosto descontrai-se-lhe pouco a pouco e por fim sorri.

... volta-se para os seus soldados, chama um deles e diz num tom agora diferente:

Dá armas a este rapaz! Mereceu-as bem.

Aceita este presente que te será por certo muito útil. Agora podes ir connosco se quiseres... ou partir para onde te apetecer.

És corajoso. Gosto de pessoas com a tua têmpera e lamento ter desconfiado de ti. Agora, partamos.

Sigamos por este vale. Teremos, talvez, a oportunidade de alcançar o exército de Marsalla antes dos montes de Van... A caminho!

Dois dias depois, os cavaleiros Partos continuam ainda a cavalgar pelo vale rochoso, árido e seco. Alix pensa, com saudade, nas margens férteis do rio que banha Khorsabad.

Surena hesita em prosseguir uma caçada aos romanos, tão longe!...

De vez em quando, rolam pedras na frente dos soldados.

Atenção!... Pode ser uma armadilha!...

Não, repara, é apenas um desmoronamento... Deve ser frequente neste lugar pedregoso...

A tropa põe-se em marcha mas os homens estão nervosos e o próprio Alix se sente inquieto. A tensão aumenta...

... quando, súbito, Surena pára o cavalo e grita uma ordem breve.

ALTO!...

Um corpo jaz estendido, inerte, a uns passos dos cavaleiros, tomados de supersticiosa estupefacção.

NÃO AVANCEM!... Este cadáver, atravessado no nosso caminho, é um mau presságio. Não contrariemos os deuses... Vamos voltar atrás.

General, posso deixar-te aqui?... Este morto não me faz assim tanto medo.
Como quiseres!... E que o deus Bel te perdoe.

O nosso país termina naquela montanha... Para lá, habitam os Sármatas, nossos inimigos. Desconfia deles.

Enquanto Alix se afasta, Surena faz-lhe um último sinal de adeus.

Ao passar perto do cadáver, Alix sente piedade, imaginando que se trata de mais uma vítima dos romanos.

Estranho rapaz!... Duvido de que consiga voltar ao seu país! E nem sequer o mau presságio o faz parar!... Bah! Afinal, que me importa?

Ao escurecer, após léguas e léguas, Alix procura um lugar onde passar a noite.

Não longe dali, três retardatários do exército romano irrompem num casebre e, brutalmente, fazem sair o camponês, a mulher e o filho. O mais novo, um centurião grita:

Vais-me ou não dizer onde é que escondes os víveres?... Fala depressa... Tenho mais de um meio para te soltar a língua. Então?... A minha paciência tem limites!

Mas, ai de mim, não tenho nada para vos dar!... Acabámos de comer a última peça de caça que nos restava... Se quiserem, irei caçar para vós... Mas não me ameacem mais!... Tenham piedade!...

Mentes, patife!... Porcius, pega na criança e mata-a se este canalha não nos diz já onde tem escondidas as suas reservas.

Um dos romanos agarra na criança, enquanto o terror paralisa os camponeses.

De súbito, a mãe dá um salto, bate no rosto do soldado e arranca-lhe o filho das mãos.
Brutos!... Não têm o direito!... Meu filho!... São loucos!... Matem-me antes a mim!...

Apertando o filho nos braços, a mulher procura fugir mas o romano, louco de raiva, ergue a espada.
Cadela maldita!... Atreveu-se a esbofetear-me!... TOMA!...

No momento em que a espada se vai abater, uma flecha assobia e atinge a mão do soldado. O homem solta um grito de terror e larga a arma.

Tomado de pânico, o romano foge a sete pés, enquanto os companheiros permanecem atónitos.

A sua estupefacção ainda não tinha passado e já nova flecha vibra por cima da cabeça do segundo soldado.

Como este foge, o centurião dá um salto de lado e agarra brutalmente o camponês, mantendo-o à sua frente como um escudo.

O autor desta confusão não é outro senão Alix. Mas, como a traição do centurião o impede de se servir de novo do seu arco, desembainha a espada.

Tu, larga já esse homem e vai-te. Já cometeste crimes bastantes!...

O romano olha, estarrecido, para o recém-chegado. Depois com cólera... E, bruscamente, precipita-se sobre Alix, de espada erguida.

O primeiro choque é brutal... Alix pára o golpe com firmeza.

Por Júpiter!... Vais-me pagar isto, filho de um cão!...

O combate trava-se, implacável. O romano tem força e experiência mas Alix está cheio de ardor e coragem; ripostando, obriga o centurião a recuar.

O camponês, que pegou numa espada, quer correr em socorro do seu salvador, mas a mulher retém-no.

Não!... Fica!... Não arrisques a vida. Não tens o direito de abandonar o teu filho!...

Entretanto, o centurião depressa se recompôs. Os seus golpes nervosos e secos obrigam Alix a recuar.

Procurando partir a arma do adversário, o romano dá golpes sucessivos e o metal enche-se de mossas.

Para escapar a esta pressão, Alix recua mas tropeça numa pedra e cai aos pés do adversário.

O camponês solta-se da mulher e acorre.

Maldição!... Aquele bruto vai matá-lo.

Mas o centurião, com o rosto crispado de ódio, está já sobre Alix. Ergue a espada...

Instintivamente, Alix baixa-se, enquanto o centurião, cego de fúria, não vê a pedra contra a qual a sua espada se quebra.

Depois de pegar na sua arma, com presteza, Alix soergue-se e ameaça o adversário, estupefacto.

Depois, num salto, põe-se de pé.

Larga o que resta da tua espada!...

O centurião obedece. O camponês precipita-se para matar o seu perseguidor mas Alix opõe-se.

Não!... Isso não!...

Compreendo a tua cólera, mas não posso deixar abater um homem indefeso... És livre, romano, vai juntar-te aos teus soldados e não apareças mais por aqui. A sorte poderá ser-te menos favorável!

És demasiado generoso!... Se voltas a cair-lhe nas mãos, ele não hesitará em matar-te!

Isso não é razão para cometer um assassínio.

Olha!... ela volta-se para nós!

Com efeito, à distância, o romano grita:

Roga aos deuses que não volte a encontrar-te no meu caminho, reles escravo... Dou cabo de ti!

Deixa-o correr, é um cobarde!... Perdemos demasiado tempo com aquele bruto. Vá, vamos juntar-nos à tua família.

Momentos depois, Alix despede-se dos camponeses, que tentam retê-lo por todos os meios, em sinal de reconhecimento, mas em vão!...

Obrigado!... Hei-de encontrar um abrigo na montanha.

Aceita então esta pele!... Sim, sim, vais ter necessidade dela. É pouca coisa para tudo o que te devemos!...

Alix aceita de bom grado a oferta daquela pobre gente e após ardentes votos de felicidades, deixa-os, muito emocionado.

Ao cair da noite, o jovem observa as margens de um lago rodeado de altas montanhas. É urgente encontrar um abrigo.

Descobre, por fim, uma gruta onde resolve passar a noite. Mas, antes do mais, é preciso fazer uma fogueira.

Depois de apanhar lenha, esforça-se por fazer lume, quando, de súbito, o cavalo se agita e relincha, nervoso.

Alix apercebe-se, então, de um ruído furtivo. Volta-se e reprime um grito de terror!...

À entrada da gruta está um bando de lobos. Ofegantes, espiam os gestos de Alix que se levanta, devagar.

Pegando no arco, o jovem recua, passo a passo, enquanto os lobos avançam para ele.

Súbito, Alix volta-se e corre para o cavalo, que se mantém ali, apesar do medo.

Enquanto, num salto prodigioso, o cavaleiro sobe para a montada, os lobos atacam...

Com a esperança de ver a alcateia distanciar-se, Alix lança o cavalo para as águas do lago e corre ao longo das margens.

Os terríveis carniceiros não se deixam enganar tão facilmente. Alix ergue o arco, aponta e um, depois dois lobos, empinam-se, feridos de morte.

Apesar das perdas sofridas a alcateia continua a ganhar terreno, forçando Alix, que não tem mais flechas, a voltar à margem...

... e, ao aproximar-se, os lobos alcançam-no. Apanhado de perto, bate com o arco, que uma goela feroz abocanha em pleno salto.

Como estão raivosos! A minha espada!... Depressa!...

Desembainha a espada, golpeia à direita, à esquerda, tolhendo o salto prodigioso de um lobo enorme; depois recomeça...

A alcateia, porém, não desiste do ataque... Mas, mais adiante, há uma floresta. Alix embrenha-se nela, imediatamente, sempre a lutar com fúria.

Súbito, ao abater uma das feras, a espada bate, com violência, numa árvore e salta-lhe das mãos!...

O jovem puxa logo da aljava e da bainha e faz com elas um terrível molinete, enquanto a alcateia uiva cada vez mais.

Instintivamente, é atraído por uma luz. Com efeito, suspensa de uma árvore, uma estranha luminária ilumina a floresta.

Precisa de se apoderar dela para afastar os lobos. Alix estende o braço, pega-lhe...

... mas bate violentamente com a testa num ramo e solta um grito terrível.

AAAH!...

Com a violência do choque, perde os sentidos. Apesar do clarão ameaçador das brasas, um lobo aproxima-se, cauteloso.

Mas, quando vai despedaçar a vítima, é atingido, na cabeça por uma pedra, que o mata.

Alertados pelo tumulto, surgem uns homens do meio da escuridão. Armados de fundas e lanças, forçam a alcateia a recuar.

Destinada a proteger uma aldeia da incursão dos animais selvagens, a luminária cumpriu o seu papel e os lobos têm de fugir perante o número e a força.

Afastado o perigo, os homens juntam-se perto de Alix que um deles, um colosso, pega com delicadeza e ergue nos braços...

... e, sem nada dizer, leva para a aldeia. Surpresos, por instantes, os seus companheiros consultam-se com o olhar e depois decidem segui-lo.

O dia nasce, por fim, sobre uma aldeia assente num estreito planalto no flanco de um rochedo, como um ninho de águia.

Ao voltar a si, Alix sente dores na cabeça e não distingue bem o que o rodeia.

Onde estou?... Que me aconteceu?... Ah! Os lobos!...

Volta-se, vê os homens e quer falar, mas...

Cala-te!... E presta-me atenção.

A nós uma única coisa importa: entraste num local que nenhum estrangeiro deve conhecer. A nossa salvação depende desse segredo!... Sou o chefe do povo Haikano que, perseguido e dizimado por incessantes invasões, teve, por fim, de se refugiar neste reduto.

Desde então, temos vivido afastados do resto do mundo mas livres e protegidos pela nossa lei, dura mas indispensável.

Um dos nossos, num impulso de generosidade, trouxe-te para aqui. Cometeu um erro pois eu deveria matar-te. A tua juventude impede-me de o fazer; contudo, sou forçado a tomar para contigo uma medida de precaução, cruel mas necessária.

O velho, bate, então, as palmas.

Avançam dois homens, trazendo um estranho recipiente incandescente.

Poêm-no no chão, tiram dele alguns tições e aproximam-se do jovem, terrivelmente angustiado...

Num relance, Alix compreende que querem queimar-lhe os olhos para que nunca mais possa reencontrar aquele refúgio!... Então, num salto, sai do leito...

...e, arriscando tudo por tudo, salta de uma janela, ao mesmo tempo que um tição se vem esmagar contra a parede.

Mas, sob os seus pés, a encosta é abrupta e Alix despenha-se como um louco.

Consegue, porém, agarrar-se e continuar a descida. De súbito, apercebe-se de que está cercado por todos os lados.

É preciso enfrentar a situação. Salta para uma plataforma.

Mal pôs os pés no chão e já Haikanos furiosos surgem de todos os lados.

Num relance, o rapaz vê que à sua direita a retirada ainda não está cortada. Atira-se para a frente...

... mas, depois de umas passadas, tem de parar. Um imenso precipício barra-lhe a passagem.

Quando procura desesperadamente uma saída, surge perto dele um homem de grande estatura...

... que o agarra com vigor antes dele poder esboçar um gesto.

Vou tentar salvar-te pela segunda vez.

Sem a minha intervenção, ontem à noite, os meus companheiros tinham-te deixado devorar pelos lobos. Com medo do chefe. As nossas leis são severas.

Mas como não sentir uma grande piedade por uma criança perdida... É preciso agora, portanto, subtrair-te ao suplício que te querem infligir. Vou fazer todo o possível! Mantém-te perto de mim.

E, com um gesto autoritário, o gigante manda embora os Haikanos que se tinham juntado perto dele.

Mas, enquanto o grupo se afasta, o velho chefe Gora desce uma comprida escadaria. Avança, o rosto crispado de cólera.

Não tenhas medo. Enquanto eu viver ninguém te tocará num cabelo sequer.

Toraya, porque proteger este estrangeiro?... És o mais forte dos Haikanos mas isso não te dá o privilégio de infringir as nossas leis.
São leis selvagens e injustas, Gora. Não mutiles horrorosamente esta criança, mata-a! Mas, não, não quero que lhe façam o menor mal. A nossa liberdade é sagrada, mas não nos dá o direito de fazer sofrer inocentes. A verdade é que agora somos suficientemente fortes para nos defendermos dos inimigos! Deixemos de viver como seres desprezíveis.
O chefe solta um grito de raiva e recua uns passos. Com o rosto crispado pelo furor, fita Toraya por uns instantes.
Desprezíveis, nós!... Pagarás por este insulto, Toraya, pois vais morrer com esse jovem energúmeno, e nós continuaremos a sacrificar os estrangeiros que tiverem a loucura de vir até aqui.
Encarreguem-se deles e depressa. As suas vidas são insultos às nossas leis... Vá!...
Mas Toraya dá um salto para trás, empurrando Alix com violência...
... e caem ambos no vazio.
Alix vê água, muito ao fundo. A queda parece interminável.
Depois é um choque violento, um ruído atordoador... e mais nada!
Ao voltar a si, parece-lhe que as têmporas lhe vão estalar.
Mas sobe devagar na água gelada e na corrente que o arrasta.
Por fim, alguns vigorosos impulsos com as pernas trazem-no à superfície, onde aspira com sofreguidão.
Depressa os dois fugitivos têm pé.
Perdoa-me, mas era preciso.
No entanto, Alix sente-se incapaz de responder. Um estranho mal-estar o oprime e faz cambalear.
Toraya avança para o amparar mas, de repente, vacila por sua vez e cai.

Estende-te no chão, depressa!... A terra treme, daí o nosso mal-estar!
Estendem-se no chão, ao mesmo tempo que enormes rochedos rolam com estrondo...
... e que, mais acima, a montanha sobranceira à aldeia se desmorona sobre as cabanas, num tumulto medonho.
As poucas casas poupadas pela massa das pedras tombam, por sua vez, no precipício, arrastando os infelizes sobreviventes.
O cataclismo desencadeia-se com uma violência inaudita, forçando Alix e Toraya à imobilidade.
Súbitc, com um ruído ensurdecedor, abre-se uma fractura debaixo de Alix. Toraya mal tem tempo de o agarrar...
... depois, num movimento enérgico, puxa-o para si, salvando-o de uma morte atroz.
Então, a natureza desenfreada recupera, lentamente, a calma e, por fim, apenas ressoa um ribombo, que vai enfraquecendo.
Que catástrofe!... Em poucos instantes, foi tudo reduzido a nada! É trágico!
Não!... Não me agradeças. Ajudei-te porque me lembras um filho que perdi. Agora já não temos nada que fazer aqui... Vem.
E os dois amigos afastam-se em silêncio, no meio daquele cenário caótico.
Um mês depois, na antiga colónia grega de Trebizonda, catafractários sármatras, mercenários dos romanos, escoltam uma coluna de prisioneiros.
Como todos os antigos portos helénicos, este alberga uma população heteróclita.
Corre a prevenir Arbacés! Diz-lhe que levam o rebanho à presença do Procônsul. Depressa!
Em boa ordem, os prisioneiros são encaminhados para um palácio onde os espera o mais alto magistrado romano.
SPQR
Salvé, Quintus-Arenus! Aqui tens os últimos prisioneiros.
O dignitário assesta o monóculo.
Ah! Vejamos essa ralé de mais perto.

Um oficial sármatra expõe, então, o caso de cada prisioneiro.

Estes dois aqui são desertores do exército do general Marsalla.

Condenados à morte!

Este negro chegou-nos aqui com os destroços do exército de Antióquia. Era galeriano num barco egípcio.

Que continue a remar... nos nossos navios.

Mas à entrada da grande sala apresenta-se um curioso personagem.

Deixem passar, amigos! Deixem passar!

Os soldados afastam-se, com amabilidade.

Arbacés aprecia a vossa amabilidade. Até à vista, amigos.

O grego entra na sala e observa os prisioneiros como conhecedor, ele o mais hábil e também o menos escrupuloso mercador de Trebizonda.

Quando um centurião desemboca de um corredor.

Oh, que surpresa! Salvé o oficial mais valente do invencível exército romano... o de Marsalla!

Sem se dignar responder, o centurião, arrogante, volta-lhe as costas e avança para o Procônsul. Um brilho de despeito ilumina o olhar do grego que segue logo atrás do oficial.

Isto no momento em que Quintus-Arenus se mostra embaraçado.

Estes dois erravam pelos campos. Não sabendo quem eram, nem donde vinham, achei por bem trazer-tos.

Ao chegar perto do grupo, o centurião solta um grito de espanto ao reconhecer Alix. Por seu lado, este identifica o homem contra o qual se tinha batido na montanha.

Este indivíduo é um espião dos Partos. Encontrava-se em Khorsabad. O general Marsalla poderá confirmá-lo. Em seu nome, entrega-mo.

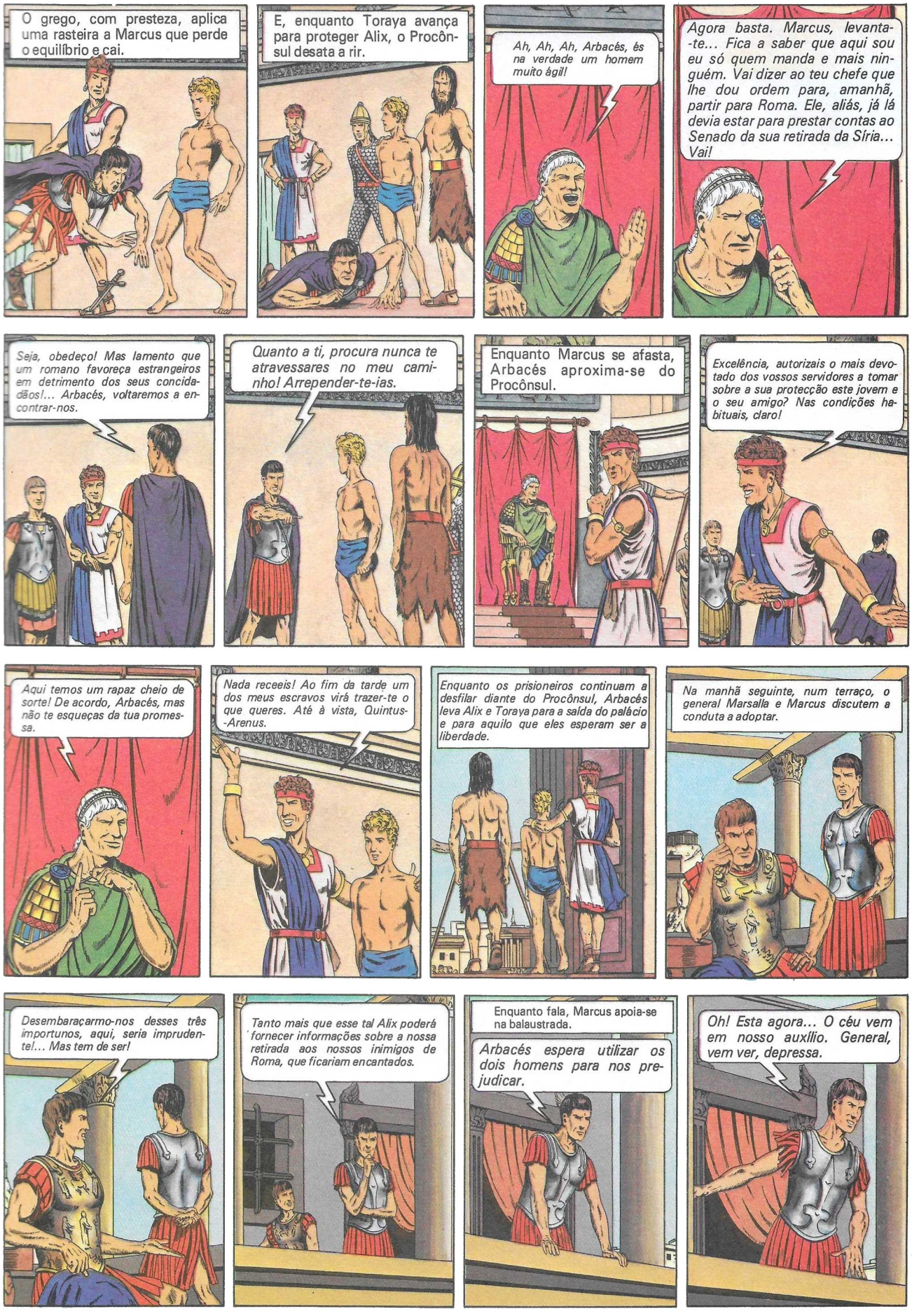
Um momento! E tu, jovem, que tens a responder?...

Este homem mente! Se alguém deve ser acusado é ele. Vi-o perseguir camponeses indefesos.

E tu, Marcus, que tens a responder a isto?

Que devo justificar os meus actos apenas perante Marsalla... e estou certo de que ele aprovará aquilo que...

O romano desembainha logo a espada e atira-se para o infeliz Alix!


O grego, com presteza, aplica uma rasteira a Marcus que perde o equilíbrio e cai.
E, enquanto Toraya avança para proteger Alix, o Procônsul desata a rir.
Ah, Ah, Ah, Arbacés, és na verdade um homem muito ágil!
Agora basta. Marcus, levanta-te... Fica a saber que aqui sou eu só quem manda e mais ninguém. Vai dizer ao teu chefe que lhe dou ordem para, amanhã, partir para Roma. Ele, aliás, já lá devia estar para prestar contas ao Senado da sua retirada da Síria... Vai!
Seja, obedeço! Mas lamento que um romano favoreça estrangeiros em detrimento dos seus concidadãos!... Arbacés, voltaremos a encontrar-nos.
Quanto a ti, procura nunca te atravessares no meu caminho! Arrepender-te-ias.
Enquanto Marcus se afasta, Arbacés aproxima-se do Procônsul.
Excelência, autorizais o mais devotado dos vossos servidores a tomar sobre a sua protecção este jovem e o seu amigo? Nas condições habituais, claro!
Aqui temos um rapaz cheio de sorte! De acordo, Arbacés, mas não te esqueças da tua promessa.
Nada receeis! Ao fim da tarde um dos meus escravos virá trazer-te o que queres. Até à vista, Quintus-Arenus.
Enquanto os prisioneiros continuam a desfilar diante do Procônsul, Arbacés leva Alix e Toraya para a saída do palácio e para aquilo que eles esperam ser a liberdade.
Na manhã seguinte, num terraço, o general Marsalla e Marcus discutem a conduta a adoptar.
Desembaraçarmo-nos desses três importunos, aqui, seria imprudente!... Mas tem de ser!
Tanto mais que esse tal Alix poderá fornecer informações sobre a nossa retirada aos nossos inimigos de Roma, que ficariam encantados.
Enquanto fala, Marcus apoia-se na balaustrada.
Arbacés espera utilizar os dois homens para nos prejudicar.
Oh! Esta agora... O céu vem em nosso auxílio. General, vem ver, depressa.

Mas eles estão a embarcar!... E tu achas então que o céu nos ajuda?

Com certeza!...

Já te disse: parece-me impossível fazer desaparecer os três homens em Trebizonda. Mas, em pleno mar... pode dar-se um acidente! Nunca se saberá como é que o barco foi ao fundo. Compreendes-me?

Perfeitamente!

Nesse mesmo momento, a "Libúrnia" de Arbacès, afasta-se lentamente do cais.

Phileas, levaste o ouro ao Procônsul?... Bom!... Sê vigilante durante a minha ausência. Adeus!

Depois o barco que leva Alix e Toraya enceta a travessia do porto.

Com este vento depressa chegaremos a Rodes... Mas ide vestir roupa mais quente. Há alguma dentro do beliche.

Passado o canal, a "Libúrnia" dirige-se para o mar alto.

Por fim, a costa desaparece ao longe.

Ouviste?... O ouro para o Procônsul! Ter-nos-á ele comprado?...

... ou pago uma dívida?...

Não foi pelos nossos lindos olhos que o grego nos arrancou das garras do Procônsul. Que estará ele a tramar?

Tens razão... Desconfiar!... Chiu!... Está a olhar para nós.

Que bela transformação, amigos!... Agora, ajudem-me a governar o barco. Revezar-nos-emos ao leme. De acordo?...

Conta connosco!

Alix e Toraya manobram com cuidado quando...

Ah! O vento está a virar!... Mas, por Minerva, vamos ter problemas.

Depressa! Estiquem a vela e baixem o cabo do mastro. Naveguemos mais depressa, senão estamos perdidos.

Os dois navios, lá ao fundo, são de piratas citas, os mais cruéis que andam no mar.

Com efeito, duas velas negras navegam em direcção à "Libúrnia".

Agora é tarde demais para tentarmos atingir a costa. Atenção!... Soltem os cabos, depressa!...

Mas, ao ritmo compassado dos remos, os navios piratas aproximam-se, perigosamente.

Súbito, o chefe cita lança uma ordem gutural: o navio muda logo de rumo.

Manobra que lhe permite ultrapassar a "Libúrnia"...

... e, redobrando esforços, os remadores executam um movimento giratório que corta a rota ao pequeno navio.

Mas, correndo o risco de se voltar, Arbacés muda de rumo e escapa aos adversários, assombrados.

Todavia a surpresa dura pouco. Os piratas fazem cair uma chuva de flechas sobre a frágil embarcação.

Coragem, Alix. Aguenta-te!... Dentro de momentos, estaremos fora de alcance.

Aproveitando-se da sua manejabilidade, a "Libúrnia" afasta-se, rápida, deixando os piratas embaraçados com a sua mudança de bordo.

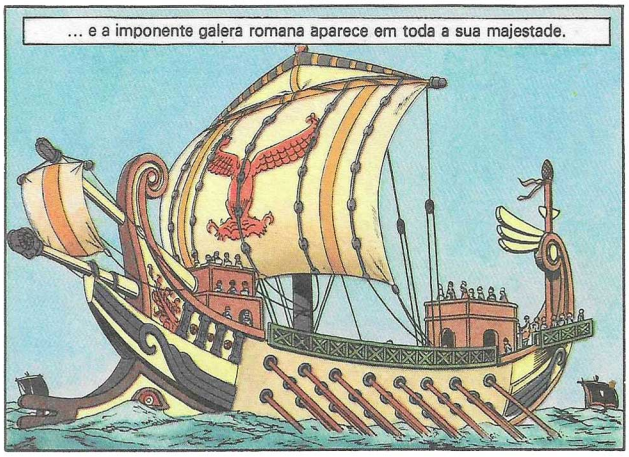
Entretanto, renunciando a perseguir as suas vítimas, os Citas abandonam a perseguição e navegam para norte.

Que se passa?... eles não costumam abandonar o combate, sobretudo quando são os mais fortes!...

Os Citas desapareceram no horizonte tão depressa como tinham surgido. O que é que os terá feito fugir?

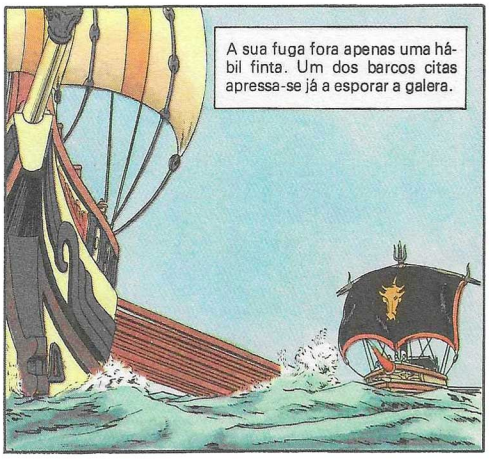
Olha! Lá ao fundo! Foi aquela vela que os fez afastar.
Por Minerva!... É a trirreme de Marsalla!

Enquanto os piratas se põem ao largo, a embarcação romana sur-
na crista das vagas...


... e a imponente galera romana aparece em toda a sua majestade.

Na torre de comando, Marsalla não se importa com os piratas. Apenas a "Libúrnia" lhe interessa.

Mas, súbito, os piratas reaparecem na esteira da trirreme.

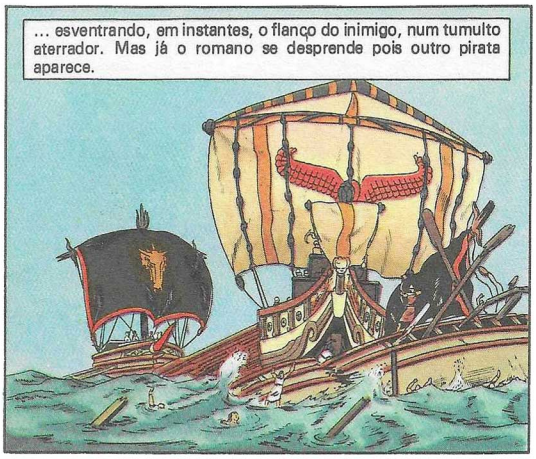

A sua fuga fora apenas uma hábil finta. Um dos barcos citas apressa-se já a esporar a galera.

Dado o alarme a bordo do poderoso navio, os remadores imobilizam-se.

Agora, recuar!... Mais depressa!... Por Júpiter, chicoteiem esses mandriões!...

E as chicotadas chovem nas costas dos remadores.

No momento em que o barco pirata passa diante dele, Marsalla inverte a manobra e a temível trirreme avança...


... esventrando, em instantes, o flanco do inimigo, num tumulto aterrador. Mas já o romano se desprende pois outro pirata aparece.

A "Libúrnia", essa, já está longe.
Oh!... É horrível!

Apesar da presteza, os romanos não conseguem desprender-se tão depressa que possam evitar a abordagem feita pelo segundo navio. Os Citas lançam-se logo ao assalto da trirreme e um furioso combate se trava. Os soldados de Marsalla fazem tudo para impedir que os piratas ponham pé a bordo mas a luta é incerta.

Ao longe, Alix e Toraya assistem horrorizados ao combate, enquanto Arbacés se aproveita para afastar o "Libúrnia" o mais depressa possível.

Estes piratas dão provas de uma crueldade sem igual!... Donde vêm eles?

Os Citas povoam a região ao norte do Ponto Euxino (1). Esses terríveis guerreiros ignoram a derrota... Ah! Espero que nada aconteça de lamentável a Marsalla! Isso arruinaria os meus projectos!

Que famosos projectos são esses?

Oh! Não tem importância!

Arbacés, impõe-se uma explicação. Salvaste-nos de um grande perigo. Com que intuito? Deves ter um! Que esperas de nós?...

Espero de vós um pequeno serviço em troca da minha protecção, mas é pouca coisa, sosseguem. Falaremos mais tarde. Ide descansar porque deveis estar fatigados. Vá!...

Apesar da sua insistência, Alix e Toraya não conseguem saber mais nada. Preocupados, afastam-se, sob o olhar enigmático do grego.

Horas mais tarde, em plena noite, a "Libúrnia" continua, veloz, a navegar...

... enquanto, no beliche, Alix e Toraya dormem profundamente, vencidos pelas emoções do dia.

Súbito, Toraya desperta em sobressalto!... Uma angústia indefinível o oprime. Será um sonho?...

Soergue-se, rápido, e não pode reprimir um grito de terror...

(1) O Mar Negro.

Surpreendido? Desculpa-me!... Queria fazer-vos admirar o nascer do sol.
Obrigado, já vou!... Tu, Alix, continua deitado. Deves estar muito cansado.
Não! Prefiro acompanhar-te. Já vou.
É na verdade muito belo. Mas que paisagem é esta?
O Helesponto(1)
Ao sair do beliche, Alix descobre um punhal cravado no chão.
As suspeitas assaltam-no. A arma não estava ali no dia anterior!... Quem a teria lá posto?
É o teu punhal, Toraya?... Estava ao pé da tua cama.
Não, não tenho qualquer arma, sabes bem.
Então, é tua, Arbacés?...
Não, de modo algum!
Como não pertence a ninguém... ao mar!
Nunca nos devemos desfazer de uma arma. Nunca se sabe! Mas esqueçamos este pequeno incidente e, sobretudo, mantenhamos o bom humor, não é?
De hoje em diante, dormiremos por turnos, Alix, pois estou convencido de que o grego queria apunhalar um de nós. Sejámos vigilantes!
Sim, devemos estar atentos.
O tempo passa. Alix e Toraya vivem numa atmosfera de desconfiança e angústia.
Por fim, dias depois, o pequeno barco chega à vista de uma das mais belas ilhas do Mediterrâneo: Rodes.
Súbito, Alix grita:
Toraya, olha!...

(1) O Bósforo.

À entrada do porto, ergue-se, magestoso, o célebre colosso de Rodes, figurando Apólo, o Deus do Sol.

Enquanto a "Libúrnia" costeia lentamente o cais, Alix e Toraya contemplam a gigantesca estátua.

Por fim, o barco imobiliza-se.

Depois deste solidamente amarrado, os três homens dirigem-se à cidade que se ergue diante deles.

Vamos fazer escala aqui durante uns dias.

Tens cá amigos?

Sim, tenho uma casa... Viva, Hertia.

Cá está ela.

Entrem, amigos, esta casa é vossa.

Enquanto procuro o meu criado, podem ir para o terraço, ao fundo do átrio. A vista é esplêndida.

Ah, cá está!... Com efeito, o panorama é magnífico.

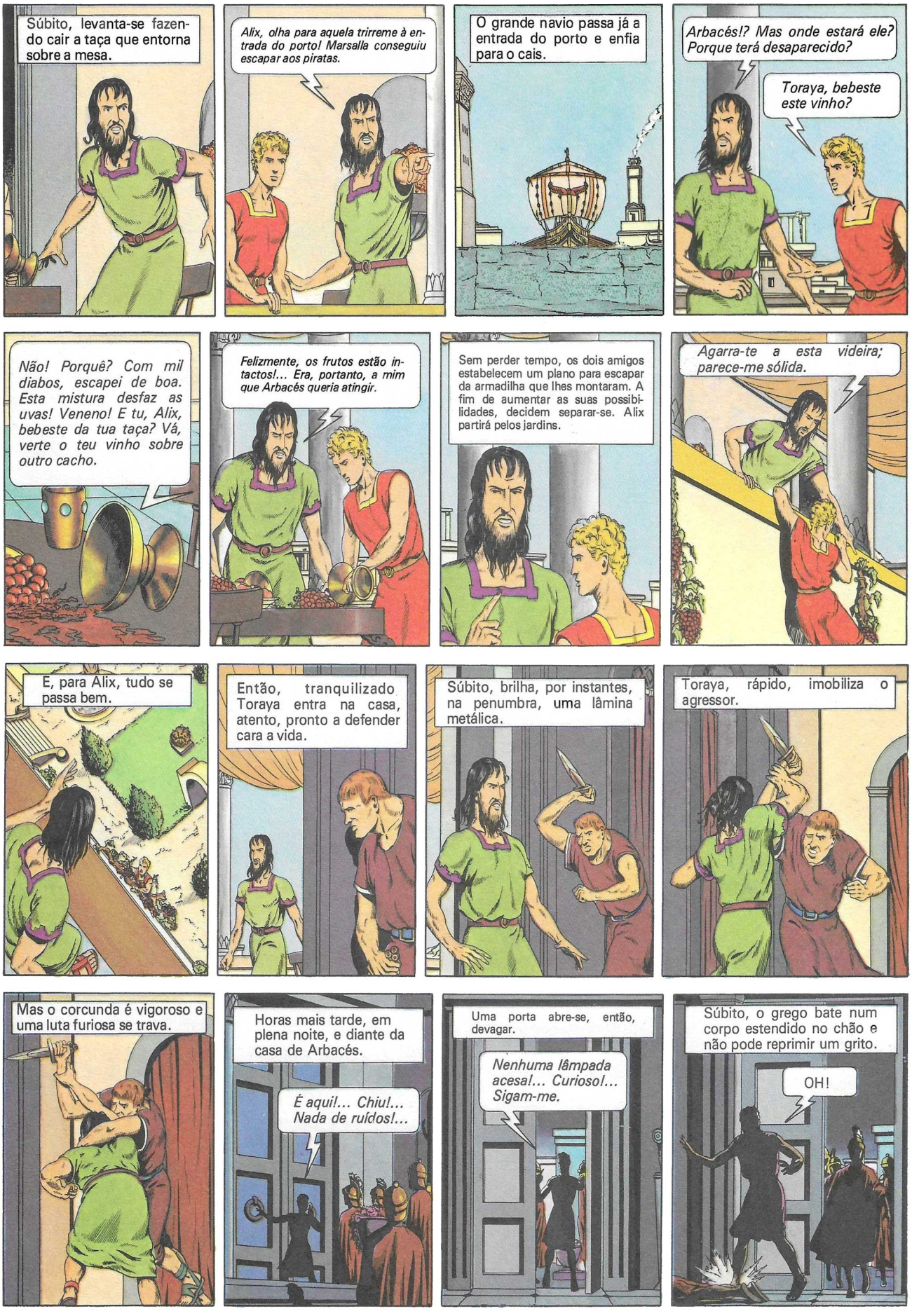
Pouco depois o grego junta-se aos hóspedes. É acompanhado por um escravo corcunda e zarolho que traz uma bandeja de bebidas.

O criado dirige-se logo para Toraya a quem oferece uma taça, fitando-o intensamente com o único olho são.

Então, Toraya, não bebes?... O que tens tu?...

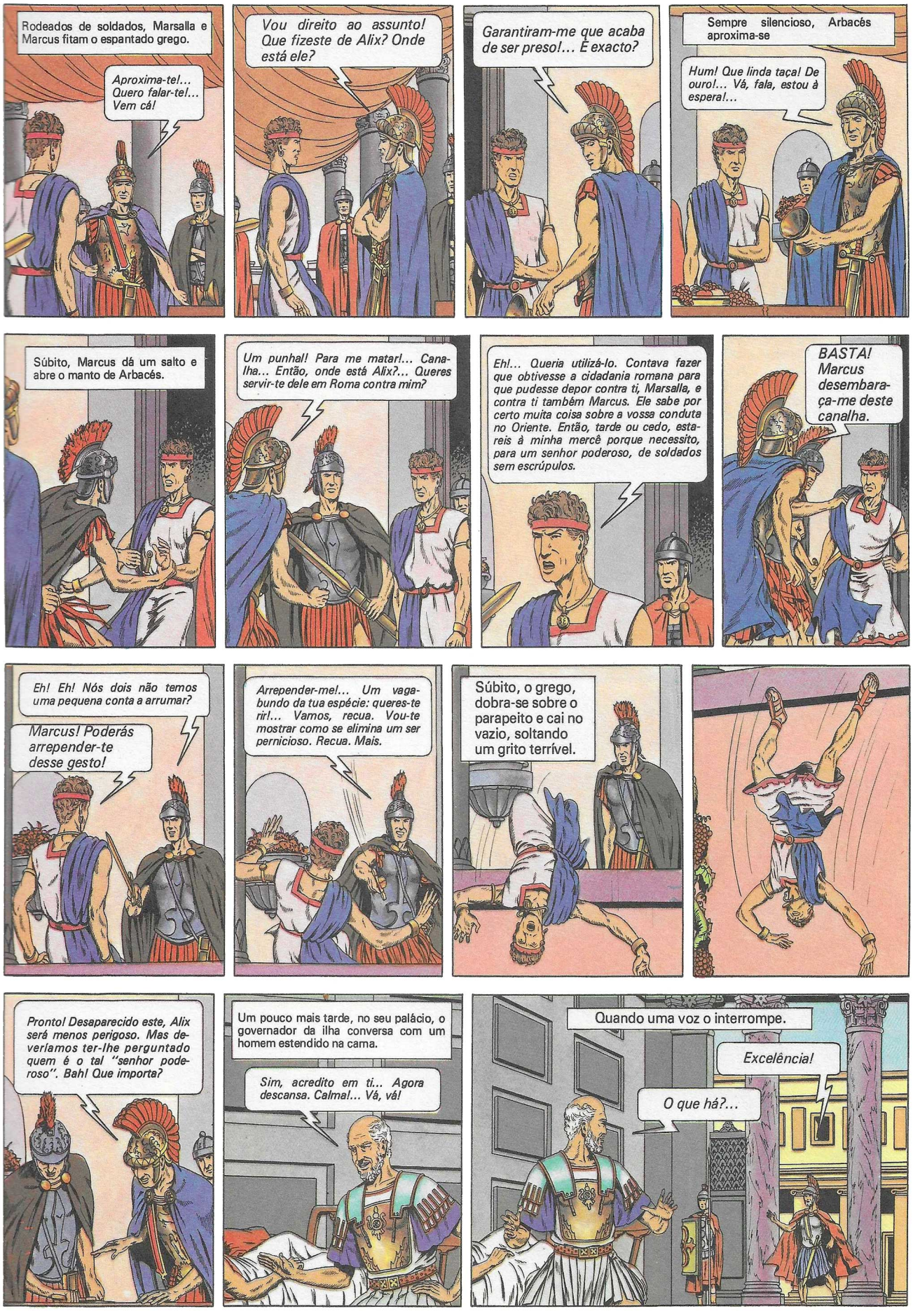
Sim, sim!... Devaneava. Desculpa-me!...

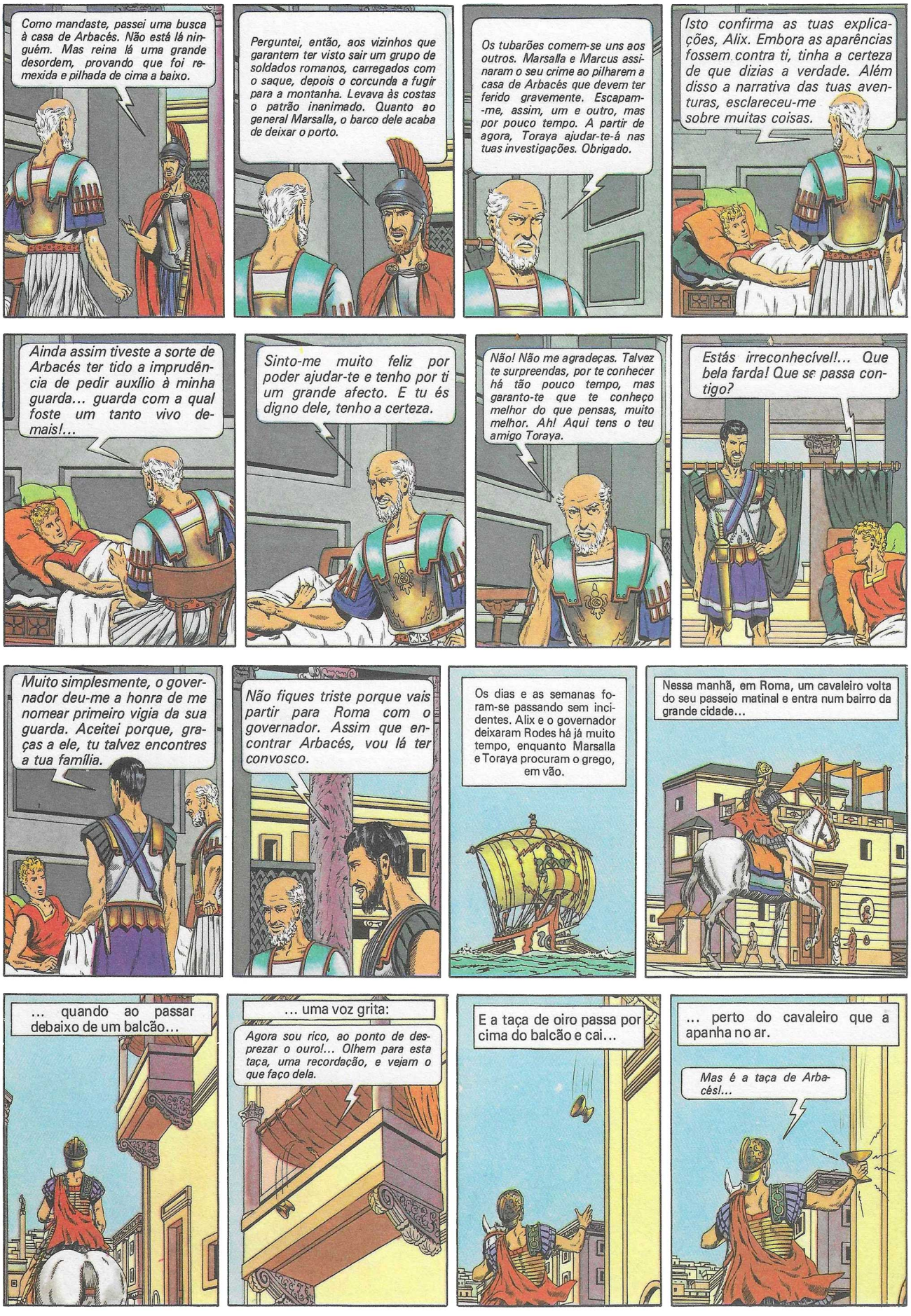
Então, sob o olhar estranho de Arbacés, Toraya leva a taça aos lábios.


Súbito, levanta-se fazendo cair a taça que entorna sobre a mesa.
Alix, olha para aquela trirreme à entrada do porto! Marsalla conseguiu escapar aos piratas.
O grande navio passa já a entrada do porto e enfia para o cais.
Arbacés!? Mas onde estará ele? Porque terá desaparecido?
Toraya, bebeste este vinho?
Não! Porquê? Com mil diabos, escapei de boa. Esta mistura desfaz as uvas! Veneno! E tu, Alix, bebeste da tua taça? Vá, verte o teu vinho sobre outro cacho.
Felizmente, os frutos estão intactos!... Era, portanto, a mim que Arbacés queria atingir.
Sem perder tempo, os dois amigos estabelecem um plano para escapar da armadilha que lhes montaram. A fim de aumentar as suas possibilidades, decidem separar-se. Alix partirá pelos jardins.
Agarra-te a esta videira; parece-me sólida.
E, para Alix, tudo se passa bem.
Então, tranquilizado Toraya entra na casa, atento, pronto a defender cara a vida.
Súbito, brilha, por instantes, na penumbra, uma lâmina metálica.
Toraya, rápido, imobiliza o agressor.
Mas o corcunda é vigoroso e uma luta furiosa se trava.
Horas mais tarde, em plena noite, e diante da casa de Arbacés.
É aqui!... Chiu!... Nada de ruídos!...
Uma porta abre-se, então, devagar.
Nenhuma lâmpada acesa!... Curioso!... Sigam-me.
Súbito, o grego bate num corpo estendido no chão e não pode reprimir um grito.
OH!

Que tem ele, Arbacés?
Por Minerva! O meu velho criado!... Amarrado!
Vê como estes escravos revoltados são perigosos!... Ontem à tarde mostravam-se ameaçadores, por isso achei prudente procurar-te para que os prendas em nome da lei.
Onde procurá-los?
Devem andar para os lados do porto à procura duma embarcação... Uma coisa ainda!.. Poupa o mais novo. Está a agir obrigado pelo mais velho que te entrego. Ajuda-me e verás que não estás a tratar com um ingrato.
É só tempo de soltar o meu criado e vou ter contigo. Até já, e boa sorte.
Os soldados partiram. Arbacés volta para casa.
O golpe tinha sido preparado com todo o cuidado e tu, imbecil, fizeste-o falhar.
O fracasso enerva o grego.
Que fazer?... Se os dois idiotas caem nas garras de Marsalla está tudo perdido!... Ahh!...
Toraya será com certeza preso!... Mas conseguirei reaver Alix? Preciso dele. Olha, tu, vai buscar os punhais e segue-me.
Entretanto, no porto...
Alix!... Vai partir um barco egípcio e nós podemos embarcar.
Magnífico!... Por mim, vi um capitão fenício que aceita acolher-nos no seu barco.
Qual deles preferes?
Seja o egípcio, que se faz já ao mar!... Mas... Soldados!... Estão a observar-nos... Peguemos nestas armas.
Corre, Alix. Quero proteger a tua retirada! Corre já...
Não, Toraya, fico contigo.
Um duro combate se trava: Toraya faz estragos.
Mas, apesar do seu vigor, tem de ceder perante o número e é brutalmente espancado.
Alix defende-se com a energia do desespero quando... duas espadas se erguem sobre ele.

Com ardor, atira-se, de cabeça baixa, ao primeiro assaltante, que cambaleia sob o choque.
Desembaraçado daquele lado, Alix tenta fugir mas outro soldado volta-se.
Alix evita o golpe e corre, mas o romano atira-lhe a arma com raiva.
O copo da espada bate na nuca do rapaz, que cai.
Por Júpiter, mataste-o, Carlus!... Afinal não passa de um escravo!... Aí vem o dono dele.
Seguido pelo corcunda, Arbacés chega ao local.
Era o outro que deviam matar!... Vou levar o corpo deste para minha casa.
Lamento! Claro que estes homens pertencem-te, mas infringiram a lei batendo-se contra soldados romanos. A sorte deles depende agora do governador da ilha a quem os vou mandar.
Soldados, levem-nos!
Eh!... Tinha-te prometido uma recompensa. Dobro-a se me deixares o mais novo.
Não!... Entende-te com o governador! Eu cumpro com o meu dever... Adeus!
Porque recorri eu a este cretino emplumado!?... Que acontecerá se o governador os interrogar? Agora está tudo comprometido.
Bah! Lamentar-se não serve para nada. Tu aí, segue-os e traz-me o maior número de informações possível. Sobretudo sobre a atitude do governador. Quando voltares, verei.
Pouco depois, pensativo e cabisbaixo, o grego volta para casa...
... na qual entra de olhos no chão.
Súbito, a porta fecha-se e a ponta de uma espada pica-lhe as costas.
Avança!... Vamos!...
Mas é um atentado!
Avança!... Mais depressa!
Ao chegar ao terraço, é grande a sua surpresa.
Cá estás tu! Canalha!...


Rodeados de soldados, Marsalla e Marcus fitam o espantado grego.
Aproxima-te!... Quero falar-te!... Vem cá!
Vou direito ao assunto! Que fizeste de Alix? Onde está ele?
Garantiram-me que acaba de ser preso!... É exacto?
Sempre silencioso, Arbacés aproxima-se
Hum! Que linda taça! De ouro!... Vá, fala, estou à espera!...
Súbito, Marcus dá um salto e abre o manto de Arbacés.
Um punhal! Para me matar!... Canalha... Então, onde está Alix?... Queres servir-te dele em Roma contra mim?
Eh!... Queria utilizá-lo. Contava fazer que obtivesse a cidadania romana para que pudesse depor contra ti, Marsalla, e contra ti também Marcus. Ele sabe por certo muita coisa sobre a vossa conduta no Oriente. Então, tarde ou cedo, estareis à minha mercê porque necessito, para um senhor poderoso, de soldados sem escrúpulos.
BASTA! Marcus desembaraça-me deste canalha.
Eh! Eh! Nós dois não temos uma pequena conta a arrumar?
Marcus! Poderás arrepender-te desse gesto!
Arrepender-me!... Um vagabundo da tua espécie: queres-te rir!... Vamos, recua. Vou-te mostrar como se elimina um ser pernicioso. Recua. Mais.
Súbito, o grego, dobra-se sobre o parapeito e cai no vazio, soltando um grito terrível.
Pronto! Desaparecido este, Alix será menos perigoso. Mas deveríamos ter-lhe perguntado quem é o tal "senhor poderoso". Bah! Que importa?
Um pouco mais tarde, no seu palácio, o governador da ilha conversa com um homem estendido na cama.
Sim, acredito em ti... Agora descansa. Calma!... Vá, vá!
Quando uma voz o interrompe.
Excelência!
O que há?...


Como mandaste, passei uma busca à casa de Arbacés. Não está lá ninguém. Mas reina lá uma grande desordem, provando que foi remexida e pilhada de cima a baixo.
Perguntei, então, aos vizinhos que garantem ter visto sair um grupo de soldados romanos, carregados com o saque, depois o corcunda a fugir para a montanha. Levava às costas o patrão inanimado. Quanto ao general Marsalla, o barco dele acaba de deixar o porto.
Os tubarões comem-se uns aos outros. Marsalla e Marcus assinaram o seu crime ao pilharem a casa de Arbacés que devem ter ferido gravemente. Escapam-me, assim, um e outro, mas por pouco tempo. A partir de agora, Toraya ajudar-te-á nas tuas investigações. Obrigado.
Isto confirma as tuas explicações, Alix. Embora as aparências fossem contra ti, tinha a certeza de que dizias a verdade. Além disso a narrativa das tuas aventuras, esclareceu-me sobre muitas coisas.
Ainda assim tiveste a sorte de Arbacés ter tido a imprudência de pedir auxílio à minha guarda... guarda com a qual foste um tanto vivo demais!...
Sinto-me muito feliz por poder ajudar-te e tenho por ti um grande afecto. E tu és digno dele, tenho a certeza.
Não! Não me agradeças. Talvez te surpreendas, por te conhecer há tão pouco tempo, mas garanto-te que te conheço melhor do que pensas, muito melhor. Ah! Aqui tens o teu amigo Toraya.
Estás irreconhecível!... Que bela farda! Que se passa contigo?
Muito simplesmente, o governador deu-me a honra de me nomear primeiro vigia da sua guarda. Aceitei porque, graças a ele, tu talvez encontres a tua família.
Não fiques triste porque vais partir para Roma com o governador. Assim que encontrar Arbacés, vou lá ter convosco.
Os dias e as semanas foram-se passando sem incidentes. Alix e o governador deixaram Rodes há já muito tempo, enquanto Marsalla e Toraya procuram o grego, em vão.
Nessa manhã, em Roma, um cavaleiro volta do seu passeio matinal e entra num bairro da grande cidade...
... quando ao passar debaixo de um balcão...
... uma voz grita:
Agora sou rico, ao ponto de desprezar o ouro!... Olhem para esta taça, uma recordação, e vejam o que faço dela.
E a taça de oiro passa por cima do balcão e cai...
... perto do cavaleiro que a apanha no ar.
Mas é a taça de Arbacés!...

Será mesmo esta? Há muitas taças iguais!
Mas, em cima, há um convíva que se levanta.
Não ouvi barulho! Terei eu tido a habilidade de a enfiar na cabeça de um transeunte?
Por Júpiter! Alix!... Aqui!... Com a taça de Ar...
De Arbacés! Sim, Marcus! Obrigado!
Se ainda tiveres a fantasia de deitar objectos preciosos pela janela, evita escolher uma peça que te acusa!

Em todo o caso, estou encantado com a prenda e o relato do nosso encontro vai interessar muito o meu pai adoptivo.
Adeus e até à vista!
Enquanto Alix se afasta, Marcus volta-se furioso.
Este energúmeno estará sempre a atravessar-se no meu caminho! Suprimamo-lo!
Foi adoptado pelo governador Honorus Galla. Conheço-o: foi-me apresentado quando chegou a Roma.
Ah!... E onde mora ele?

No palácio dos Gallas, perto da Via Ápia... não percebo a tua inquietação: o Senado ilibou-vos de toda a suspeita, a Marsalla e a ti. Então?...
É que o patife do rapaz sabe o suficiente para o Senado mudar de opinião. Mas eu não lhe darei tempo. Vou explicar-te.
E nessa mesma noite.
É a altura, Milon... e não falhes.
O homem avança, faz voltear uma funda, a pedra assobia e o guarda tomba, sem um grito.

Perfeito. Levemo-lo para dentro. Atenção, nada de barulho!
No átrio, Honorus Galla e Alix conversam calmamente perto de uma lâmpada quando...
Chiu! Não ouviste nada?...
Não!... Sossega, há um guarda em cada porta. Presta-me atenção porque tenho muito que te dizer.
De repente, qualquer coisa corta o ar e atinge a lâmpada que logo se apaga.
ATENÇÃO!

Em frente!... Eu encarrego-me destes dois. Vocês encontrem-me, depressa, o objecto que nos interessa.

Uma agressão!... Pai, como estás desarmado, corre a dar o alarme. Eu proteger-te-ei.

Embaraçado pela túnica. Honorus Galla corre quanto pode para a galeria...

... quando um assaltante o agarra no momento em que vai atingir o "gong".

Alix combate furiosamente contra o chefe da expedição.
Vou desmascarar-te!...

Mas, com um violento golpe de espada, este desiquilibra Alix, que cai para trás.

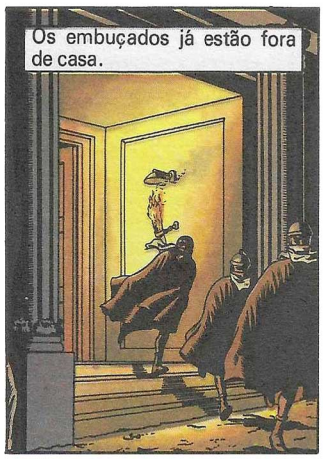
O homem atira-se, então, sobre o rapaz... mas a resposta é viva.

Alix ergue-se num salto e enfrenta novos agressores.

Isto está a correr mal, fujamos!... Tu, patife, mantém-te tranquilo, senão!

Mais depressa, os criados estão acordados, depressa!... Alix, não te aproximes.

Com efeito, alvoroçados pelo tumulto, os criados aparecem, por fim.
Além! Vão a fugir!

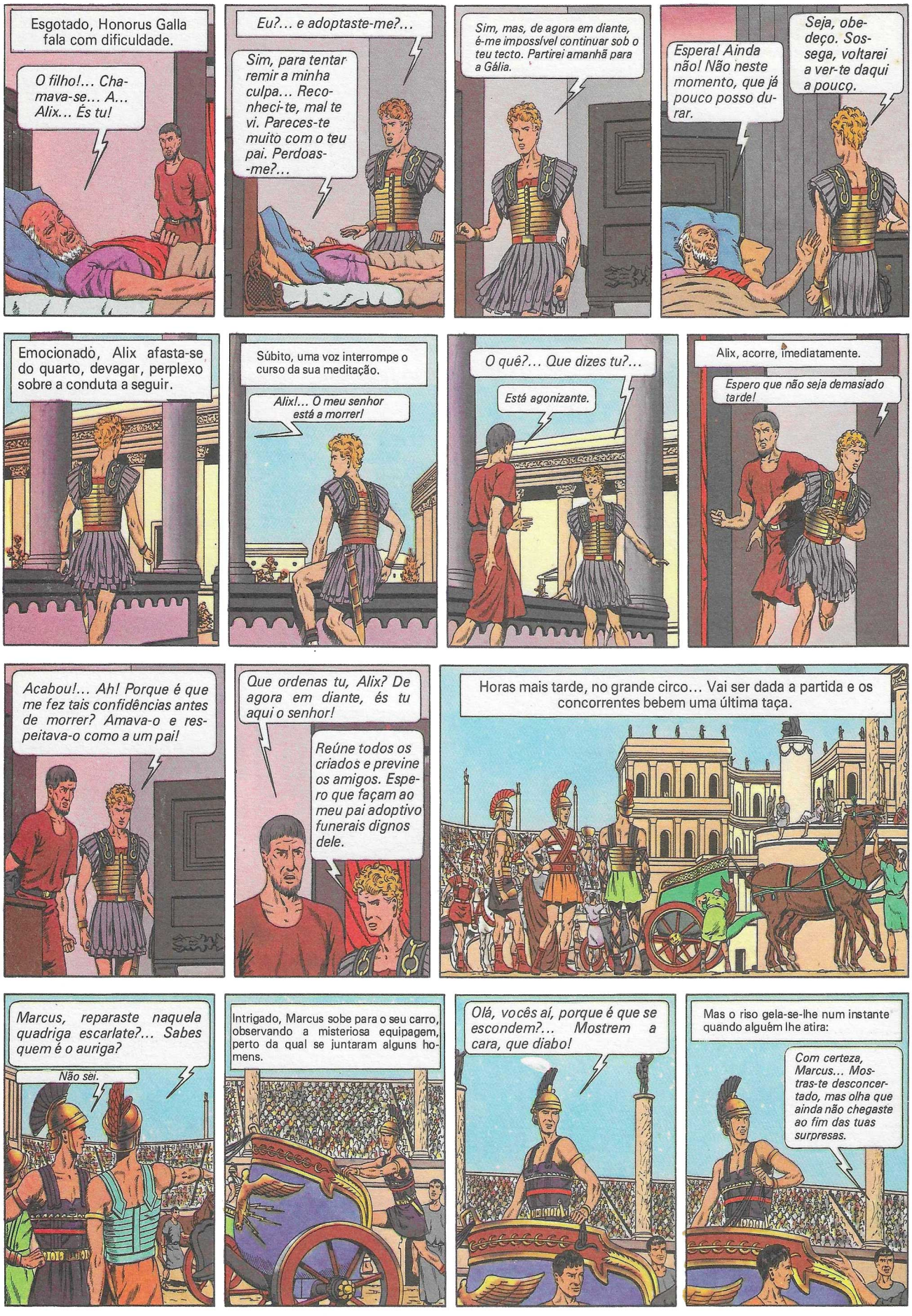

Os embuçados já estão fora de casa.

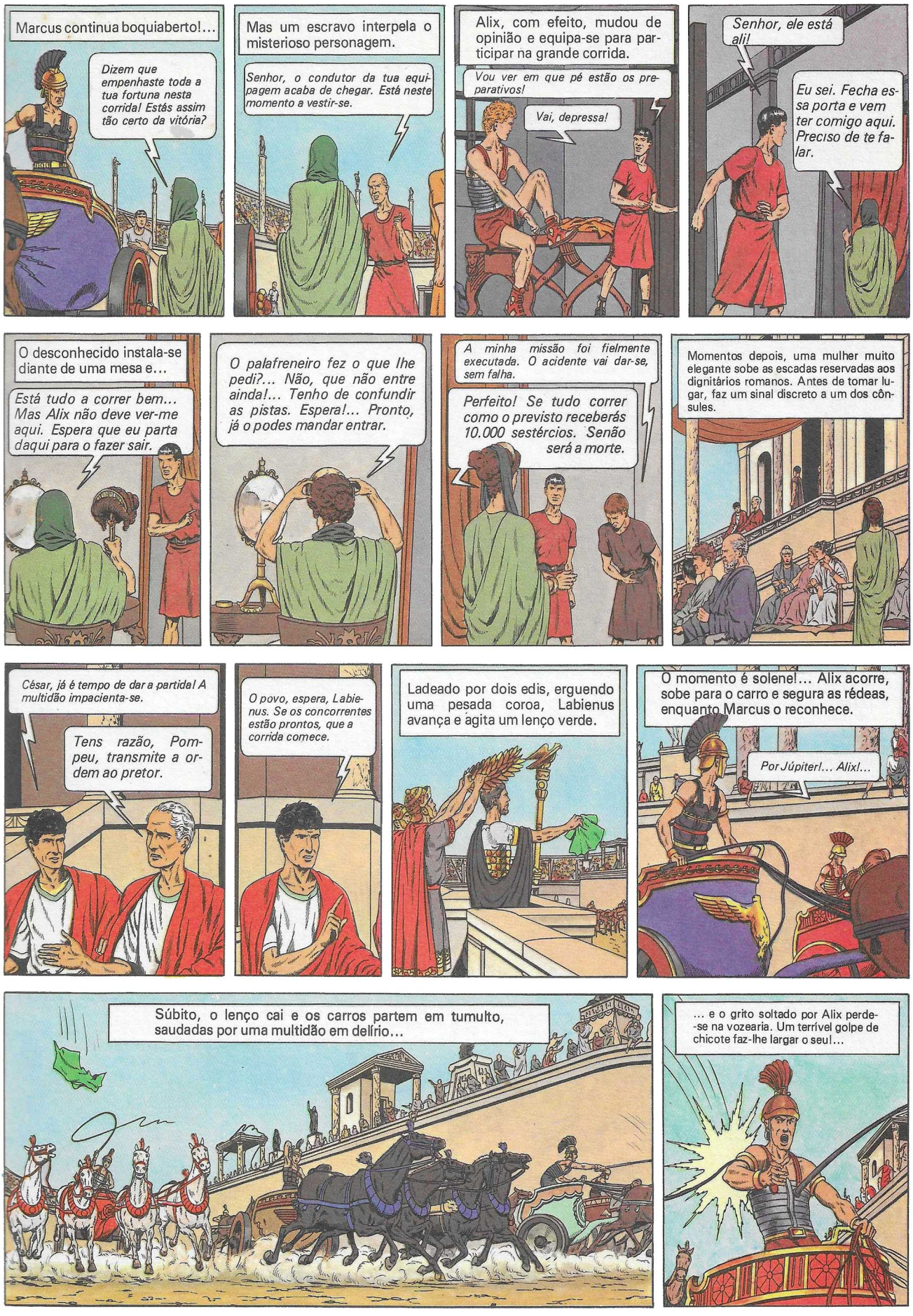
Entretanto, Alix não se deixa ficar e surge, por sua vez, à entrada.

Obcecado pela ideia de desmascarar o seu atacante, corre a toda a pressa...

... quando de súbito, uma mão surgida do escuro, lhe tolhe a corrida.
Pára, Alix!...

Surpreso, o jovem vê avançar uma mulher velada.
Perdoa-me ter-te falado tão bruscamente, mas era preciso.
O chefe destes agressores não é outro senão Marcus. O castigo que poderias ter-lhe infligido, apanhando-o, não seria, a meu ver, suficientemente severo. Foi por isso que intervim.
Quem és tu?... E porque o deixaste proceder a este ataque?
Fui prevenida demasiado tarde, mas posso proporcionar-te uma terrível vingança.
Amanhã, os Cônsules organizam uma corrida de carros. Marcus participará sob as cores de Marsalla. Eles empenharam toda a sua fortuna nessa prova. Quererás tu conduzir a minha quadriga e vencer?... Ajudar-te-ei.
Não procuro vingar-me! E quem me prova a tua boa fé?...
Alix, um desses indivíduos roubou a taça que trouxeste ontem. A de ouro!
Era, portanto, Marcus. Eu, porém, não posso aceitar a tua oferta...
Como quiseres!... Mas se pensares melhor és capaz de mudar de opinião. Os meus criados esperar-te-ão no circo, na segunda hora... Até à vista... Até amanhã!
No dia seguinte, ao amanhecer, Honorus Galla sente que, pouco a pouco, as forças o abandonam.
Onde está Alix? Porque demora a aparecer?... Quero vê-lo imediatamente.
Foram acordá-lo, senhor, não deve tardar.
Alix, enfim! Aproxima-te, meu filho, quero falar-te.
Que se passa?
Há muito que sofro do coração e as emoções desta noite quebraram-me. Sinto que a morte se aproxima. Não, não fales! Ouve-me.
Há uns anos atrás, no início da conquista da Gália, eu comandava uma legião de César. Incapaz de vencer uma tribo gaulesa, decidi, para a pôr à minha mercê, usar um estratagema.
Atraí o chefe da tribo a uma cilada. Fiado na minha palavra, ele veio com os membros da família e os guardas. Fi-los logo prisioneiros.
Entretanto, os meus soldados atacaram o campo inimigo que, sem o seu chefe, foi, por fim, batido. Venci graças a uma traição.
Que aconteceu ao chefe?...
Não ousei mandá-lo matar. Fi-lo conduzir à retaguarda, mais a família... Depois, cedi-o a um mercador de escravos egípcio.
A mãe morreu pouco depois, de desgosto... Restava a criança!... Ela foi vendida a uns Fenícios que a meteram a bordo de um navio... No ano seguinte, fui nomeado governador de Rodes e o cargo esfumou na minha memória esse duplo crime.
Quem era esse chefe gaulês?...
Chamava-se Astorix... E o filho dele!... Aah!


Esgotado, Honorus Galla fala com dificuldade.
O filho!... Chamava-se... A... Alix... És tu!
Eu?... e adoptaste-me?...
Sim, para tentar remir a minha culpa... Reconheci-te, mal te vi. Pareces-te muito com o teu pai. Perdoas-me?...
Sim, mas, de agora em diante, é-me impossível continuar sob o teu tecto. Partirei amanhã para a Gália.
Espera! Ainda não! Não neste momento, que já pouco posso durar.
Seja, obedeço. Sossega, voltarei a ver-te daqui a pouco.
Emocionado, Alix afasta-se do quarto, devagar, perplexo sobre a conduta a seguir.
Súbito, uma voz interrompe o curso da sua meditação.
Alix!... O meu senhor está a morrer!
O quê?... Que dizes tu?...
Está agonizante.
Alix, acorre, imediatamente.
Espero que não seja demasiado tarde!
Acabou!... Ah! Porque é que me fez tais confidências antes de morrer? Amava-o e respeitava-o como a um pai!
Que ordenas tu, Alix? De agora em diante, és tu aqui o senhor!
Reúne todos os criados e previne os amigos. Espero que façam ao meu pai adoptivo funerais dignos dele.
Horas mais tarde, no grande circo... Vai ser dada a partida e os concorrentes bebem uma última taça.
Marcus, reparaste naquela quadriga escarlate?... Sabes quem é o auriga?
Não sei.
Intrigado, Marcus sobe para o seu carro, observando a misteriosa equipagem, perto da qual se juntaram alguns homens.
Olá, vocês aí, porque é que se escondem?... Mostrem a cara, que diabo!
Mas o riso gela-se-lhe num instante quando alguém lhe atira:
Com certeza, Marcus... Mostras-te desconcertado, mas olha que ainda não chegaste ao fim das tuas surpresas.


Marcus continua boquiaberto!...
Dizem que empenhaste toda a tua fortuna nesta corrida! Estás assim tão certo da vitória?
Mas um escravo interpela o misterioso personagem.
Senhor, o condutor da tua equipagem acaba de chegar. Está neste momento a vestir-se.
Alix, com efeito, mudou de opinião e equipa-se para participar na grande corrida.
Vou ver em que pé estão os preparativos!
Vai, depressa!
Senhor, ele está ali!
Eu sei. Fecha essa porta e vem ter comigo aqui. Preciso de te falar.
O desconhecido instala-se diante de uma mesa e...
Está tudo a correr bem... Mas Alix não deve ver-me aqui. Espera que eu parta daqui para o fazer sair.
O palafreneiro fez o que lhe pedi?... Não, que não entre ainda!... Tenho de confundir as pistas. Espera!... Pronto, já o podes mandar entrar.
A minha missão foi fielmente executada. O acidente vai dar-se, sem falha.
Perfeito! Se tudo correr como o previsto receberás 10.000 sestércios. Senão será a morte.
Momentos depois, uma mulher muito elegante sobe as escadas reservadas aos dignitários romanos. Antes de tomar lugar, faz um sinal discreto a um dos cônsules.
César, já é tempo de dar a partida! A multidão impacienta-se.
Tens razão, Pompeu, transmite a ordem ao pretor.
O povo, espera, Labienus. Se os concorrentes estão prontos, que a corrida comece.
Ladeado por dois edis, erguendo uma pesada coroa, Labienus avança e agita um lenço verde.
O momento é solene!... Alix acorre, sobe para o carro e segura as rédeas, enquanto Marcus o reconhece.
Por Júpiter!... Alix!...
Súbito, o lenço cai e os carros partem em tumulto, saudadas por uma multidão em delírio...
... e o grito soltado por Alix perde-se na vozearia. Um terrível golpe de chicote faz-lhe largar o seu!...

Lançado a toda a brida, Alix manobra habilmente, apesar da terrível dor no braço e consegue evitar o marco da primeira viragem.

Colocado à frente, Marcus volta-se e, furioso, vê o rival a alcançá-lo, pouco a pouco.

Mil raios!

Apesar dos seus esforços, a equipagem escarlate coloca-se-lhe a par e Marcus, louco de raiva, vibra terríveis chicotadas que parecem destinadas aos seus cavalos mas visam Alix.

Este observa, atento, os gestos do antagonista e os movimentos do chicote...

... que acaba por apanhar no ar e arrancar com um puxão.

Sob os incitamentos da multidão, que ruge e pateia, Alix ultrapassa o adversário desconcertado.

Ah! O cão!

Alix, levado pelo entusiasmo, aborda demasiado rápido a viragem sul e tenta o impossível...

... mas a roda do carro embate com violência no marco, o que faz girar a atrelagem.

Aproveitando-se do incidente, Marcus aproxima-se de Alix que, por seu lado, força ainda mais o andamento.

Num golpe de audácia, o romano consegue roçar o carro de Alix...

... e apertá-lo de tal modo que os cavalos das duas quadrigas se tocam...

... e as rodas se encaixam.

Então, bruscamente, Marcus faz obliquar os seus cavalos para arrancar a roda do inimigo.

Súbito, um grito se escapa de todas as bocas.

OOH!... por Júpiter!...

Para estupefacção geral é o eixo do carro de Marcus que se parte enquanto Alix se liberta.

Marcus corta, febril, as correias que o prendem ao carro.

Mas não tem tempo de cortar todas. O seu veículo vira-se, com ruído, enquanto os cavalos se afastam.

Depois, de repente, o carro volta-se sobre o condutor, que grita como um louco.

Nesse momento, um concorrente aproxima-se a toda a velocidade e tenta evitar o obstáculo!...

Impossível!... O choque é aterrador e faz Alix voltar-se, horrorizado.

Apesar disso, prossegue na corrida, embora preocupado com a sorte do Marcus.

É terrível! Espero que nada de grave tenha acontecido!...

Ao desembocar da viragem norte, um espectáculo atroz se lhe depara: cavalos e destroços misturados, deixando apenas uma estreita passagem.

Mas, impassível, o pretor avança de novo, com um lenço vermelho na mão.

Lança-o para a pista á passagem da quadriga de Alix. A multidão rompe logo numa delirante ovação ao jovem herói.

A seguir, precedido de um lictor e acompanhado pelos portadores dos prémios, Pompeu desce à pista.

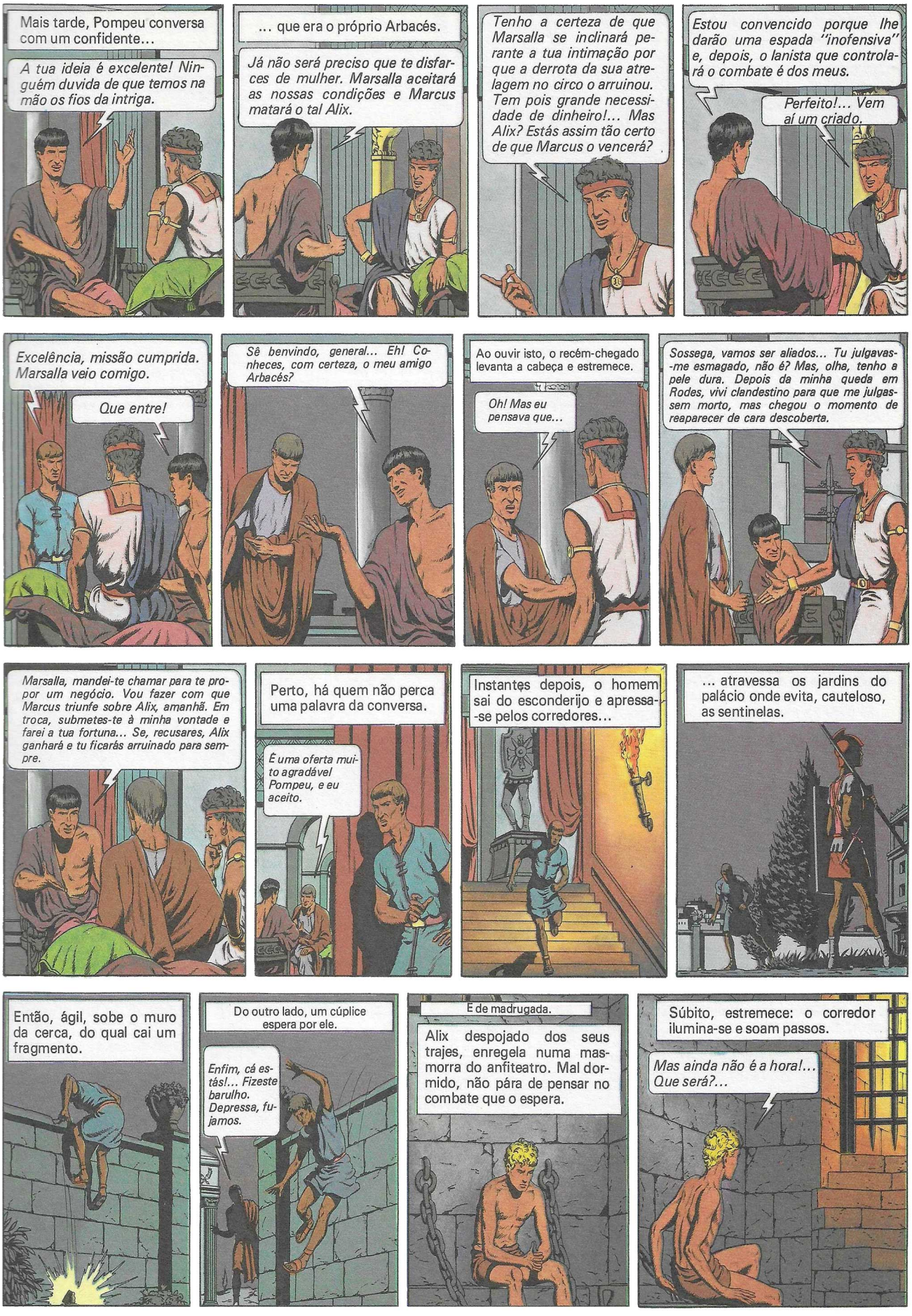
Entretanto, Alix dá a volta de honra sob os gritos entusiásticos da multidão...

... enquanto, sob a vigilância de um edil, alguns escravos põem de pé os carros acidentados.

Quando o palafreneiro exclama:

Olha para isto!...

Palavra, este eixo foi serrado!... Vai buscar a roda.
Marcus foi, não há dúvida, vítima de um atentado. Este eixo tinha fatalmente de se partir.
Entretanto, Alix pára diante do grupo presidido por Pompeu.
Um edil espera-o à descida do carro para o apresentar ao Cônsul.
A multidão, para ouvir as palavras de Pompeu, vai-se calando, pouco a pouco.
Muito bem, meu jovem. A tua corrida foi notável. Mereces bem estes louros.
Mas no momento em que ergue a coroa de ouro, uma voz o detém.
Excelência, a corrida não foi regular.
Veja esta roda!... O eixo foi serrado para se partir durante a corrida. É um acto desleal e odioso... Felizmente Marcus apenas sofreu ferimentos ligeiros.
Pompeu observa Alix, dissimula mal um sorriso satisfeito, depois...
Aí vem o interessado!... Marcus, fala, de quem suspeitas tu?
Amparado por um escravo, Marcus avança a coxear.
Foi ele!... Esse cão que me roubou a vitória. Maldito seja!
Excelência, essas acusações são falsas. Eu queria, é verdade, arruinar este homem que é responsável pela morte de meu pai adoptivo mas não cometi nenhum crime. A justiça romana deve ser imparcial.
Mentes, infame! E atreves-te acusar-me depois do que fizeste hoje?
Calem-se!... Sendo assim, combatereis amanhã, no grande teatro, como gladiadores. O que ganhar será proclamado vencedor desta corrida. Guardas, levem estes dois homens.
Excelência, eu posso provar que...
Basta! Nunca volto com uma decisão atrás. Terás tu medo?
Não!... E vê-lo-ás amanhã, se assistires ao combate.
Escoltado pelos guardas, Alix afasta-se sob os insultos da multidão que pouco antes o aclamava.
Isto no momento em que, noutro ponto, César sai do circo.
Ao passar por um corredor, murmura a um personagem que se encontra encostado à parede.
Segue-me, Rufus. Tenho de te falar.


Mais tarde, Pompeu conversa com um confidente...
A tua ideia é excelente! Ninguém duvida de que temos na mão os fios da intriga.
... que era o próprio Arbacés.
Já não será preciso que te disfarces de mulher. Marsalla aceitará as nossas condições e Marcus matará o tal Alix.
Tenho a certeza de que Marsalla se inclinará perante a tua intimação por que a derrota da sua atrelagem no circo o arruinou. Tem pois grande necessidade de dinheiro!... Mas Alix? Estás assim tão certo de que Marcus o vencerá?
Estou convencido porque lhe darão uma espada "inofensiva" e, depois, o lanista que controlará o combate é dos meus.
Perfeito!... Vem aí um criado.
Excelência, missão cumprida. Marsalla veio comigo.
Que entre!
Sê benvindo, general... Eh! Conheces, com certeza, o meu amigo Arbacés?
Ao ouvir isto, o recém-chegado levanta a cabeça e estremece.
Oh! Mas eu pensava que...
Sossega, vamos ser aliados... Tu julgavas-me esmagado, não é? Mas, olha, tenho a pele dura. Depois da minha queda em Rodes, vivi clandestino para que me julgassem morto, mas chegou o momento de reaparecer de cara descoberta.
Marsalla, mandei-te chamar para te propor um negócio. Vou fazer com que Marcus triunfe sobre Alix, amanhã. Em troca, submetes-te à minha vontade e farei a tua fortuna... Se, recusares, Alix ganhará e tu ficarás arruinado para sempre.
Perto, há quem não perca uma palavra da conversa.
É uma oferta muito agradável Pompeu, e eu aceito.
Instantes depois, o homem sai do esconderijo e apressa-se pelos corredores...
... atravessa os jardins do palácio onde evita, cauteloso, as sentinelas.
Então, ágil, sobe o muro da cerca, do qual cai um fragmento.
Do outro lado, um cúplice espera por ele.
Enfim, cá estás!... Fizeste barulho. Depressa, fujamos.
É de madrugada.
Alix despojado dos seus trajes, enregela numa masmorra do anfiteatro. Mal dormido, não pára de pensar no combate que o espera.
Súbito, estremece: o corredor ilumina-se e soam passos.
Mas ainda não é a hora!... Que será?...

Escoltado por portadores de tochas, um homem encapuçado chega à cela.

Desce rápido as escadas e, ao chegar perto de Alix, descobre-se.

Sossega, sou o Cônsul Júlio César e venho como amigo. Sei que uma intriga foi urdida contra ti e que estás inocente.

Rufus informou-me. Do resultado do teu combate, depende o destino de Roma.

Explicar-te-ei isto em pormenor, mas primeiro conta-me em que circunstâncias conheceste Marsalla e Arbacés. Depois disso, assentaremos nas decisões a tomar.

E as horas passam-se... Quando César deixa o anfiteatro é madrugada.

O Sol está agora no zénite e os espectadores apressam-se para assistir aos combates dos gladiadores.

Álix espera, no átrio, que chegue a sua vez. As primeiras lutas desenrolam-se sob um entusiasmo delirante.

O sobrevivente saúda os Cônsules enquanto os cadáveres dos vencidos são arrastados para os subterrâneos da enorme construção.

A seguir, é a tua vez. Está preparado. Quando o lanista te fizer sinal, enfias o elmo.

Pouco depois, de coração apertado pela emoção, Alix entra na arena...

... enquanto Marcus, armado dos pés à cabeça, surge no outro extremo.

O lanista verifica as armas dos dois adversários.

As vossas armas estão conformes... Saúdem o Cônsul e iniciem o combate.

Sós, frente a frente, os dois antagonistas observam-se antes de vibrar o primeiro golpe.

Súbito, na tribuna de honra.

Marsalla, passa-se algo de anormal. Tenho de ver Pompeu, imediatamente.

Alix acaba de se descobrir, imprudentemente, e Marcus atira-se a ele de espada erguida.

O romano desce a espada mas Alix pára o golpe.

A resposta é viva e Marcus esquiva-se com presteza ao fogoso ataque do adversário.

Depressa o combate ganha em dureza, lutando os dois contendores de igual para igual.

Entretanto, Arbacés percorre os corredores.

Pompeu!?... Não, ainda não veio aqui. Talvez esteja na antecâmara.

Com efeito, enervado pela espera, o Cônsul deambula pelas salas reservadas aos dignitários.

Arbacés, enfim, apareceste! Um dos meus servidores traiu-me e só o soube esta manhã. É muito grave!

Fugiu pelo jardim. Descobrimos pegadas perto do muro da cerca. Mas onde terá ido?... Penso que não terá ido ter com César pois este partiu para a Gália Cisalpina esta manhã! E agora?...

Esse cão espiava-nos a favor de alguém tão poderoso que conseguiu fazer trocar o lanista no último minuto... Marcus poderia ser vencido, mas, felizmente, tenho uma ideia... Onde poderei arranjar uns espelhos?

Alix, mantém a vantagem e tenta fazer Marcus recuar.

Mas, numa finta fulgurante, o romano consegue desarmá-lo.

Então, exultante de alegria, ergue a espada sobre Alix...

... que dá um salto de lado e lhe aplica uma terrível cabeçada.

Marcus cai e Alix, ágil, apanha a sua espada.

Levanta-te!

Nesse momento um raio luminoso reflecte-se-lhe no elmo e ofusca-o.

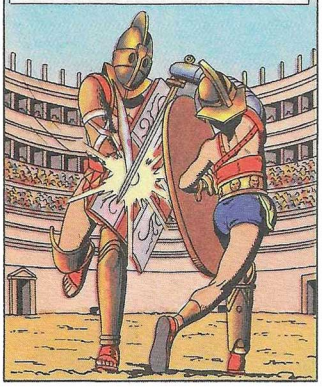
Procura, em vão escapar-lhe.

Arbacés colocou em cada respiradouro um escravo com um espelho.

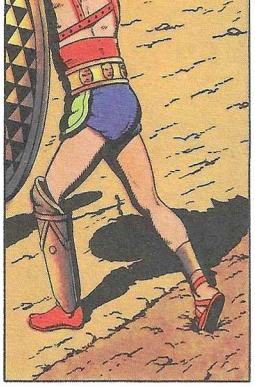
Perfeito! Não o largues, vá para onde fôr... Magnífico!

Cego, Alix recua diante dos ataques de Marcus e aproxima-se de um local onde o solo parece ter sido revolvido.

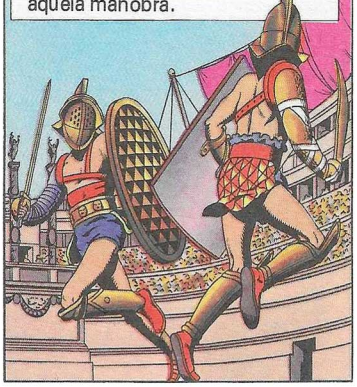
Alix salta para trás e pára o golpe do romano.



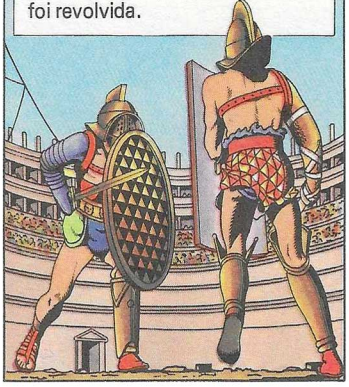
Súbito, sente que o solo se lhe afunda debaixo do pé.



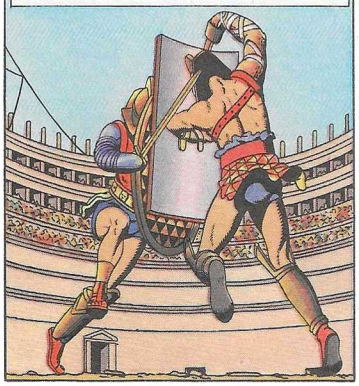
Dá, então, um salto e volta-se para Marcus, surpreendido por aquela manobra.



Agora é o centurião que se encontra perto do local onde a terra foi revolvida.



Alix ataca. Os escudos chocam-se mas nenhum dos contendores recua.



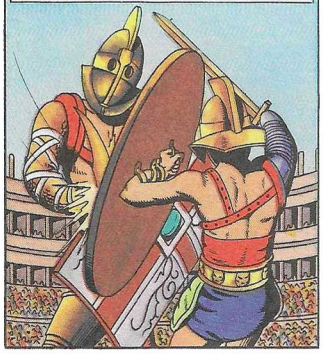
Pompeu, no balcão da antecâmara, segue, irritado, as peripécias da luta. O reflexo dos espelhos não dá os resultados previstos. Entretanto, de súbito, Alix dá sinais de cansaço.

Quando uma voz surpreende o cônsul.

Pompeu, este duelo preocupa-me! A vitória de Marcus parece incerta, no entanto, garantiste que a espada de Alix seria inofensiva!

Marsalla, fui traído por um criado e as minhas ordens foram contrariadas. Felizmente, Arbacés tomou logo as medidas que se impunham. De toda a maneira, creio que Marcus dominará o inimigo. Vê como Alix enfraquece.

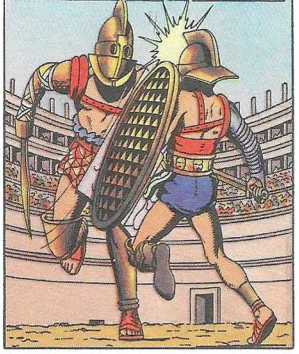
Cego de novo pelos espelhos, Alix recua, descontrolado. Vendo isto, Marcus redobra de ardor e fúria.



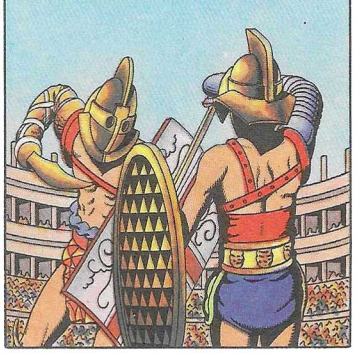
Quanto a Arbacés, a perspectiva do triunfo inebria-o. Chega à imprudência de gritar de uma abertura:

Vá, bate, Marcus! Está à tua mercê!...

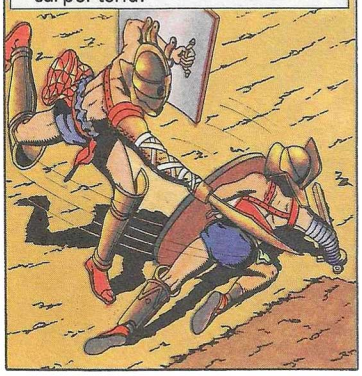
Aproveitando a vantagem, Marcus assesta golpe sobre golpe no rival aturdido.



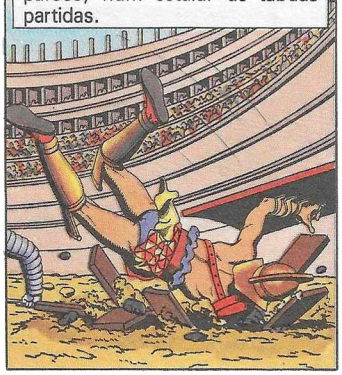
Extenuado, sem forças, Alix afasta o escudo, por momentos... O romano atira-se, então, impetuoso...



Mas o jovem atira-se ao chão e Marcus, levado pelo entusiasmo, cai por terra.

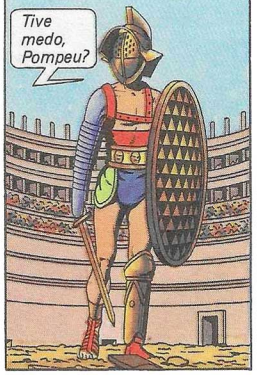


Ante o espanto geral, o solo cede sob o seu peso e Marcus desaparece, num estalar de tábuas partidas.

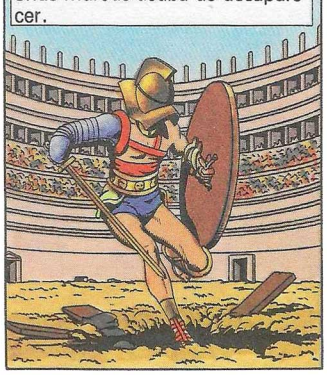


Alix levanta-se e desafia o Cônsul na tribuna.

Tive medo, Pompeu?



Depois, sob os gritos frenéticos da multidão salta para o buraco onde Marcus acaba de desaparecer.



A cavidade desemboca numa das galerias subterrâneas que levam a água do Tibre ao anfiteatro quando se travam os combates navais ou "naumaquias". Comandados por Rufus, alguns soldados de César esperam por Alix...

... cuja queda é amortecida pela água.

Desembaraçado do escudo, junta-se aos companheiros.

Apressa-te! O tempo urge... Um arqueiro cobrir-nos-á a retirada.

Mas, mais acima, Arbacés sai do respiradouro, soltando um grito de raiva.

Enquanto Pompeu ruge as suas ordens.

Que ninguém saia daqui! Mandem um destacamento de gladiadores em perseguição dos fugitivos e façam recomeçar os combates na arena, depressa!...

Na sua precipitação, Arbacés quer atirar-se, por sua vez, à cavidade quando uma flecha lhe passa perto da cabeça e lhe trava o entusiasmo.

Nesse momento, os gladiadores aproximam-se, para o ataque.

Vamos, saltem aqui e apanhem-nos... Despachem-se!...

Súbito, Pompeu exclama:

Mas existe um plano do anfiteatro!... Domitius vai procurar nos arquivos e traz-me esses documentos... Ah! Ah! Esses canalhas não irão muito longe.

Entretanto, para acalmar a multidão, travam-se na pista outros duelos.

Nos escuros subterrâneos, os soldados de César que escoltam Marcus avançam penosamente porque o nível das águas sobe sem cessar.

Trazem, por fim, o plano.

Tenho-os na mão!... Estas galerias só têm duas saídas: uma que dá para o Tibre e a outra para a Via Flávia. Estaremos lá antes deles.

Entretanto, o arqueiro que cobre a retirada dos amigos de Alix tem de ceder terreno ante o número dos gladiadores.

A progressão do pequeno grupo torna-se difícil e, de súbito, um grito dilacerante ressoa.

O arqueiro!... Temos de o socorrer!

É inútil... Ele sacrificou a vida pela causa de César. Vamos, não percamos tempo!

E chegados diante de uma enorme porta de bronze:

Desci a tranca. Lá em cima ninguém conseguirá abrir as comportas. Sigam-me, por aqui.

Antes de partir com Marsalla e uma escolta, Arbacés ouve as recomendações de Pompeu.

Conta comigo!...

Depois, à desfilada, arrasta os seus cavaleiros através das ruas de Roma.

Mais adiante, um guarda da comporta dormita, sossegado: ignora o drama que se vive sob os seus pés quando...

... um cavaleiro surge.

Três homens, depressa.

Bruscamente acordado, o guarda assiste a um espectáculo singular.

É inútii insistir. Trancaram a comporta. Partamos!...

O grego saltou já para o cavalo.

Tu, nem uma palavra, senão...

Nesse momento, os fugitivos desembocam no Tibre onde uma embarcação os espera.

Depois, num vigoroso golpe de rins, Rufus empurra as grades...

... e desce a tranca, no momento em que surgem os seus perseguidores.

O primeiro gladiador vibra um golpe furioso através das grades. Rufus esquiva-se.

E no mesmo momento.

Oh! Lá em baixo!...

Mas o grito de Alix perde-se no ruído provocado pela queda de Rufus.

Arbacés avistara a embarcação.

Sigamos pela margem!

... de onde ordena aos arqueiros que ponham pé em terra. Estes esticam já os arcos.

São alvos fáceis, mas evitem tocar no prisioneiro. Compreendido?...

Enquanto Rufus é içado para bordo...

Arbacés ultrapassa rapidamente a barca e chega a uma ponte...

Ripostando com valentia, Alix e os companheiros tentam pôr-se a coberto.

Sob uma chuva de flechas, conseguem abrigar-se sob a ponte.

Nesse momento, Marsalla, na rectaguarda, dá o alarme.

Cavaleiros!... Fujamos!

Arbacés fica furioso mas não há outra solução!

Vamos, montar!... Tu, vai-te pôr atrás daquela estátua e espera que a barca desemboque do arco.

Ei-la!... Vamos, atira, mas só uma flecha e mata-me esse Alix de mau agouro.

No outro extremo da ponte, os cavaleiros fizeram alto.

Por Júpiter, são soldados da guarda de Pompeu! Oh! Oh! Não intervinhamos! É inútil arranjar sarilhos.

Mas, na barca, um soldado, rápido, dá um salto.

ALIX!... ATENÇÃO!

Por instinto, o rapaz baixa-se e a flecha vem-se-lhe espetar nas espaldeiras.

Falhado o golpe, Arbacés e o arqueiro afastam-se.

Eles estavam escondidos detrás daquela estátua!

Ei-los fora de alcance, mas que é que fazem aqueles?

Meia volta!

E apressam-se a juntar-se a Marsalla.

Ao verem os uniformes da guarda de Pompeu, tiveram medo! Ah! Ah! Tanto melhor!

Uma vez mais, Alix pôde escapar-nos. Erramos ao fugir daqueles cavaleiros que se revelaram inofensivos! Agora é preciso tentar reencontrar Marcus e Alix.

Decididamente, estás com má sorte, Arbacés!

Impacientas-te, Marsalla. Compreendo-te, mas não esqueças que a partir de agora dependes de Pompeu e eu tenho toda a sua confiança. No entanto, sossega, amanhã Alix e Marcus estarão nas nossas mãos.

Horas mais tarde, uma barca sobe um afluente do Tibre e só o ruído dos remos perturba a paz crepuscular.

Caída a noite, desembarcam perto de um grupo de cavalos guardados por um soldado.

Vai tudo bem?...

Nada a assinalar!

E montam imediatamente.

Falta ainda um remador, esperemos.

Com efeito, por precaução, um dos soldados dissimula a barca sob espessas folhagens.

Rufus, por fim, dá o sinal.

Vamos! Que dois guardas ladeiem o prisioneiro.

O grupo põe-se em marcha, com Rufus à frente, e Alix a vigiar Marcus.

Entretanto, na orla do bosque, outros cavaleiros esperam em silêncio, perscrutando o horizonte.

Súbito um deles sobressalta-se.

Lá vêm eles!...

Então, o que parecia ser o chefe daquela estranha tropa, descobre-se, desembainha a espada e ordena:

Em frente!...

Ao ver o caminho subitamente cortado por desconhecidos, Rufus pára o cavalo.

PAREM!...

Seguro de si, o chefe dos assaltantes aproxima-se de Rufus, enquanto os seus companheiros cercam os partidários de César.

Não sois bastantes para travar combate. Embainhai as espadas e rendei-vos!

Cá estás! Tu, Rufus, o fiel lugar-tenente de César! Parabéns, conseguiste escapar-nos, mas por pouco tempo!... Entrega-me Marcus e Alix e tereis todos a vida salva.

Mas Rufus não é homem para se deixar vencer com tanta facilidade! Num relance, avaliou a situação e decidiu-se.

Súbito, atira-se para a frente.

ROMPAM O CERCO...

O ataque é tão repentino que os homens de Pompeu se perturbam e a maior parte perde o equilíbrio. Em breve o cerco é rompido e o caminho fica livre.

É realmente a debandada! Também, na retaguarda, Alix não tem dificuldades em abrir caminho para a liberdade.

Marcus, por sua vez, tenta tudo por tudo e, de surpresa, agride o guarda, enquanto Alix se escapa à sua frente.

O romano esforça-se logo por o alcançar e lança o cavalo a toda a brida.

Marcus consegue, em pleno galope, atirar-se ao inimigo, e agarrá-lo pela garganta, arrastando-o na queda.

Antes de o jovem ter tido a consciência do que se passa, o inimigo atira-o ao chão.

Mas, mais longe, Rufus pára e observa, inquieto, a luta que se trava.

Eles reagrupam-se e nós estamos muito afastados...

No entanto, recuperado do aturdimento, Alix defende-se com energia e obriga Marcus a soltá-lo.

Põe-se, então, de pé, num salto, e depois empurra, violento, o romano, que cai de costas.

Entretanto, um cavaleiro, que se mantivera afastado, chega a galope.

Depressa, Marsalla... Depressa!...

Antes de Alix ter tido tempo de lhe fazer frente, um terrível golpe atinge-o na cabeça, deitando-o ao chão.

Por todos os deuses infernais! A partida está perdida! É impossível surpreendê-los, somos poucos! Bem, partamos!

Enquanto Rufus se afasta, Marcus não pode reter a surpresa perante o homem que vê ao pé de Alix.

Sim, sou eu!... Mas preocupa-te antes em encontrar a tua montada. O resto, Marsalla explicar-te-á!...

Arbacés!

Dois dias depois, o acampamento de César, que deveria ser levantado sem demora, continua no mesmo lugar!... O general atrasa a partida para a Gália Cisalpina e mantém-se, durante horas, fechado na sua tenda, a conferenciar com Rufus.

Acabo de saber que Pompeu mandou prender Alix no anfiteatro de Vulsini a umas léguas daqui. Não se atreveu a transferi-lo para Roma com receio de um contra-ataque.

Como é que Arbacés conseguiu montar a armadilha?

Penso que ao ver a barca a subir o Tibre supôs que procuravas juntar-te a mim! Arriscou logo a sua oportunidade, pondo-se entre o afluente mais próximo e o meu acampamento. E conseguiu!... É esperto, é um adversário temível!... Agora vou apresentar-te alguém que te vai ajudar a libertar Alix.

Esse homem deseja ardentemente salvá-lo!... Guarda, manda entrar o visitante.

Aliás, os dois não sereis demais. Com efeito, também me informaram que Alix será condenado à morte por espionagem e traição. O julgamento será amanhã e a execução seguir-se-lhe-á imediatamente. Como vês, não há tempo a perder.

Nesse instante, um homem de estatura atlética aparece.

Rufus, aqui está quem te ajudará na tua missão.

Encantado por te conhecer. Conseguiremos!... Mas como te chamas?...

Chama-se Toraya e chega de Rodes onde Honorus Galla o encarregou de encontrar Arbacés. As suas buscas trouxeram-no aqui onde acaba de saber da captura de Alix... Deixo-te com ele, que te exporá o seu plano.
As pessoas que guardam Alix desconfiam e puseram guardas por todo o lado, em Vulsini. Na sua precipitação, porém, esqueceram-se de um local e nós vamos aproveitar-nos disso... Mas, primeiro, tornemo-nos irreconhecíveis.
E não conseguiram resistir ao prazer de contemplar o cadafalso. Por precaução, a cada esquina há sentinelas a impedir o acesso do público à praça.
T-MINERVA-S·P·Q·R·D·E·T-HORATIUS-C
Vejam, está tudo preparado... O cepo já está no lugar. Quanto ao julgamento, é apenas uma formalidade para aquietar César.
Pouco depois, na tenda de Rufus, os dois novos amigos barbeiam-se, cuidadosamente.
E as horas passam!... Na manhã seguinte, Marcus e Arbacés esperam, impacientes, pela execução.
No entanto, um homem no alto do telhado do templo não perde o trio de vista.
Súbito, um trabalhador grita de baixo.
Então?... Aí em cima!... Estás a dormir?...
Surpreendidos, Arbacés e os parceiros trocam um olhar de cólera mas o grego reage, rápido.
Esperem, vou ver o que é!
E, depois de contornar, o altar...
Eh!... Que fazes aí?... Não sabes que ninguém pode estar aqui?...
Enquanto no telhado o homem sobe e...
Toraya, Arbacés descobriu o nosso ajudante. Se ele fala, estamos perdidos!
Ouve lá, desde quando estes troncos de árvore estão aí em cima?...
Desde há muito, senhor!... Consolidam os andaimes. O homem que me contratou ontem à tarde, di...
O trabalhador não tem tempo de dizer mais... Um grande vaso de barro cai-lhe na cabeça e deita-o abaixo.

O homem cai como um peso morto enquanto Arbacés recua, precipitadamente.

Que estás a fazer aí em cima?

Na borda do telhado, Rufus finge-se aterrado...

Oh!... Que fiz eu?...

Desce, imediatamente, ou eu mando guardas ir buscar-te.

Submisso, Rufus sai do templo sem ser reconhecido pelo grego.

Pega no teu companheiro e desaparece. É inútil levares as ferramentas.

Rufus põe o corpo ao ombro e afasta-se...

Proibo-te de voltares aqui antes do cair da noite. Compreendido?

... enquanto, no telhado, Toraya continua febrilmente o seu trabalho, estendido no chão para não ser descoberto.

Marsalla, Marcus e Arbacés chegam ao palácio onde Alix vai ser julgado.

Tu, vai vigiar as cercanias do altar e do templo de Minerva. Se necessário, não hesites em fazer uso das tuas armas e volta para me contares o que vires.

O soldado atravessa a praça sem suspeitar de que Rufus o observa através dos interstícios de uma porta carcomida.

Lamento ter-te atingido, companheiro!... Era preciso!... De facto, és a favor ou contra César?

A favor, como todo o bom romano.

Então, ajuda-me... Vá, passa-me o arco e as flechas que estão ao fundo, à esquerda.

Seja, mas podias ter-te explicado!

Rufus apanha uma mancheia de terra húmida e faz com ela uma bola.

Despacha-te!... Vamos!

Sem desconfiar, o soldado cumpre escrupulosamente a sua missão...

... quando um estranho projectil sai de uma fenda na porta.

Atenção!

Nesse momento, Alix comparece diante dos juízes. O pretor lê já o libelo, incriminando o jovem por traição e tentativa de homicídio.

Então, Arbacés, vais-te embora?... A condenação deste celerado não te interessa?

Pelo contrário, interessa-me muito. Mas o guarda que mandei até à praça ainda não voltou e isso preocupa-me!

Do alto dos degraus do Palácio, Arbacés observa a praça. Ninguém à vista!

Avança, então, resoluto, para o altar, por trás do qual, imóvel, Rufus o ouve aproximar-se, com ansiedade.

Do esconderijo onde vigia o guarda, o trabalhador tenta alertar Rufus.

PSSST... EH!... ATENÇÃO!...

Arriscando tudo por tudo, Rufus trepa, rápido, a plataforma.

Mesmo a tempo!... O grego caminha já ao lado do altar e vai chegar à esquina.

Mas Arbacés não descobre nada de anormal. Meio tranquilo, volta para trás, sem pensar sequer em olhar para cima.

No entanto, estendido, Rufus está pronto para qualquer eventualidade. Toraya, por sua vez, prossegue, obstinado, no seu trabalho.

Intrigado com o desaparecimento do guarda, Arbacés volta apressado, à sala do Tribunal...

... enquanto, aproveitando-se da oportunidade, Rufus salta para o chão e corre para o esconderijo...

O trabalhador abre-lhe a porta e não pode reprimir um grito de terror: no tronco, Toraya desafia o equilíbrio.

Mas ele vai cair dali abaixo...

Acabado o trabalho, Toraya, sempre com a corda firmemente presa na mão, recua, com cautela, para o templo.

Em baixo, Rufus está seguro.

Porque é que não mataste aquele grego?... Teríamos escondido aqui o corpo dele.

Não! O seu desaparecimento teria alertado os companheiros e comprometido o êxito do nosso empreendimento... Mas, chiu, aí vêm eles.

Com efeito, os membros do Tribunal, acabam de sair, com toda a solenidade, do Palácio e dirigem-se para o altar. Atrás do carrasco, e escoltado pelos guardas de Pompeu, o condenado caminha para a morte.

Após um momento de hesitação, Alix sobe os degraus.

Os arautos da cidade convidam, então, os cidadãos a vir assistir à execução.

A multidão, excitada, empurra os soldados que a continha com dificuldade.

Arbacés que sabe a razão daquela cólera tenta acalmá-la.

Silêncio! SILÊNCIO!...

Povo de Vulsini, não assististe ao julgamento deste espião devido aos segredos de Estado que tivemos de debater. Só os magistrados e os edis poderiam conhecê-los... O pretor vai ler extractos do julgamento e...

Mas é vivamente interrompido.

É um golpe preparado!

Queremos a verdade!

Alarmados com as vociferações, os juízes perdem o autodomínio e Arbacés tem de fazer frente ao perigo.

Soldados, desimpeçam o altar... Rápido!... Nada de piedade para esta populaça!

Descontrolados por instantes, os soldados acabam por se impôr, apesar dos gritos ameaçadores da multidão, que tem de ceder perante a força.

Arbacés faz sinal a um dos guardas e este agarra Alix pelos cabelos e obriga-o a curvar a cabeça para o cepo.

O infortunado rapaz abate-se como se a sua coragem o abandonasse: tudo lhe parece cruel e implacável e, de olhos enlouquecidos, procura em vão um socorro.

O pretor ordena então ao carrasco:

Faz o teu dever!

Apesar dos gritos indignados da assistência, Arbacés e os seus cúmplices já não escondem a sua alegria.

Ah! Eu estava certo de que César não tentaria nada!... Vamos, por fim, desembaraçarmo-nos dele.

Depois, o carrasco levanta o machado, respira fundo e...

... súbito, um projéctil corta o ar e atinge-o em plena testa!... Um imenso clamor se ergue, imediatamente.

Atingi-o em cheio!... Espero que Toraya intervenha agora porque não há um momento a perder.

À aproximação do soldado, Alix põe-se de pé, aterrorizado, e tenta, desesperadamente, fugir. Mas para onde?...

De repente uma força irresistível levanta-o, e varre, ao mesmo tempo, os personagens que se encontram sobre o altar.

Louco de cólera, Arbacés ordena a um dos guardas:

Corta-lhe a cabeça

Ao ver Alix a escapar-se-lhe de novo, Arbacés solta um longo grito de raiva.

Levados pelo balanço, Alix e Toraya aterram sobre o telhado de uma casa...

... onde, sem largar a corda, o gigante se aferra com firmeza à cornija.

Mas, do chão, Arbacés grita...

Soldados, façam evacuar a praça e depois cerquem aquela casa!... Eles não podem escapar-nos.

Fazendo revoltear a espada, os guardas de Pompeu dispersam os espectadores.

Enquanto, no telhado, Toraya acaba de desembaraçar Alix dos seus laços e contorna já a casa.

Mas eu reconheço-te!... Tu és Toraya!

Sim! O tempo urge. Aproxima-te de mim.

Por fim, como os soldados acabam de varrer toda a gente diante do altar, Arbacés levanta a cabeça e...

Por Minerva! AAAH!...

Com Alix ás costas, Toraya lança-se de novo no vazio, a direito sobre o grego.

Como um projéctil vivo, semeia o pânico entre as pessoas que ainda se encontram perto do altar...

... e, chegado ao cimo da casa em frente, Toraya larga a corda enquanto Alix salta para o telhado.

Depois do que se afastam, rapidamente.

Salta para o tanque de água, atrás da casa. Rufus está á nossa espera.

Enfim, chegaram!... Depressa, o tempo urge.

Arbacés precipita-se para o palácio a fim de buscar reforços, quando surgem alguns cavaleiros; são Marsalla e Marcus que à frente de um grupo de soldados, chegam em socorro.

Estão além!... Detrás daquelas casas, despachem-se!

Os guardas chegam no momento em que Alix e os seus amigos se afastam, e um deles descobre-os.

Estão ali... No átrio!

À frente, Alix e Rufus forçam o andamento para chegarem a uma das portas da cidade o mais rápido possível.

Pouco a pouco, os perseguidores ganham terreno e Toraya tem de puxar do arco. Volta-se, então, para apontar.

Bruscamente, o seu cavalo cai, atingido por uma flecha.

O gigante, então, dá um salto para se abrigar.

Não tem tempo! Qualquer coisa o atinge nas costas e a dor tolhe-lhe a corrida.

Convencidos de que Toraya vem atrás deles, os três cavaleiros saem da cidade e prosseguem o seu caminho a toda a brida.

Só muito longe já é que dão pela ausência do amigo.

Deve ter seguido por outro caminho!

Não fiquemos aqui. O tempo ameaça tempestade.

E retomam a corrida, sob um céu cada vez mais ameaçador.

Embora gravemente ferido, Toraya pôde conter os perseguidores mas tem a aljava vazia.

Então, deita fora o arco e, a tropeçar, enfia-se por um corredor.

Ao fim de penosos esforços, consegue virar a esquina de um muro e vê uma grade aberta, diante da qual dorme um guarda.

É o local onde são enjauladas as feras destinadas aos jogos do circo.

Com precaução, Toraya fecha o guarda, enquanto os passos dos soldados se aproximam.

Ah!... Já não posso mais!... Tenho de chegar àquela porta... sim, é... preciso!

Nesse momento, raios e trovões rasgam o céu num estrondo aterrador.

Sem se preocupar com a tempestade, Marcus e os seus homens descem, cautelosos, a escada.

Um a um, os arqueiros metem-se pelo corredor, apesar do brilho ofuscante dos raios.

Bruscamente, os leões esfomeados irrompem, soltando rugidos furiosos.

Entretanto, Arbacés, que foi procurar reforços, acorre à frente de um destacamento quando...

Por Júpiter!...

Quem é que soltou estes leões? E estes homens por terra??... Mas são guardas!...

A aproximação dos recém-chegados, os animais enervam-se...

Soldados, estes leões têm de voltar para as jaulas... Tenho a impressão de que se passou qualquer coisa de anormal.

Empurradas pelas lanças, as feras recuam, lentamente...

... e, rugindo de cólera, abandonam as suas presas, de má vontade...

... depois regressam, por fim, ao sector de onde se tinham escapado.

Por sua vez, os legionários entram no sinistro corredor, mas com prudência.

Nesse momento, é descoberto o corpo de Marsalla, horrivelmente mutilado.

Arbacés!... Vem vêr!...

Marsalla!... Morto!... E este idiota deixou fugir Alix e os seus cúmplices!...

Arbacés, que fazes tu do respeito devido aos mortos?...

Eu só estimo os mortos que foram vivos respeitáveis... É tudo!...

Pouco depois destes acontecimentos, alguns cavaleiros galopam para a cidade, muito próxima, tão rápido quanto a tempestade lhes consente.

Instantes mais tarde, entram na cidade.
Súbito, ribomba um trovão, muito violento.
O raio caiu sobre aquele edifício, além... Vamos ver!
O incêndio propaga-se com aterradora rapidez. Atinge já as dependências do circo, que Arbacés acaba de abandonar.
Transportando um ferido numa maca improvisada, os legionários afastam-se, em boa ordem, do braseiro.
Escapamos por pouco! Está tudo a arder.
O quê?... O circo?...
Soldados, apressem o passo, é preciso ir buscar socorros. Vamos!
Nesse momento, os cavaleiros aproximam-se.
Ali está o circo. Toraya talvez...
Ao ruído da galopada, o centurião volta-se, surpreendido.
Mas são cavalos!... Por aqui?!...
Súbito, a parede do edifício em chama abre fendas com rangidos sinistros...
No momento mesmo em que Alix se atira sobre o grupo de Arbacés, que acaba de ver diante dele.
Lá estão!... Depressa!
Alix!... ATENÇÃO!...
Alix!?!...
Oh!... A parede!...
Compreendendo o perigo, o rapaz força a montada, mas demasiado tarde. A muralha começa a dar de si...
... depois, num instante, desmorona-se num turbilhão de pedras e de fogo.

Num esforço terrível, o cavalo evita a catástrofe.
Esta sorte insolente exasperava Arbacés que está decidido a acabar com o seu inimigo.
O rapaz apercebera-se, no último momento, do gesto assassino do grego e tenta o impossível para parar o animal.
ARBACÉS!...
Num salto, o centurião agarra-o e segura-o com firmeza.
O que permite a Alix saltar para o chão.
Ah! Larga-me!
É um criminoso!... Foi condenado à morte!
Basta! Portas-te como um cobarde!
Desejo-te que nunca venhas a lamentar essas palavras.
Nesse momento, Rufus e os companheiros desembocam na rua.
Alix!... Vivo!...
Arbacés volta-se e empalidece diante do novo perigo que o ameaça.
Aproveitando-se da confusão, recua na direcção do ferido, ainda inerte...
... e apoiando a espada sobre o moribundo, grita:
Eh!... Um gesto suspeito e mato o vosso amigo.
Mas é Toraya!
Não te mexas, Alix!
Estais já a celebrar a vitória!? E que vitória!... Marsalla e Marcus despedaçados pelos leões, os guardas de Pompeu dispersos, e eu, só, à vossa mercê!... Cantais vitória muito cedo!...
Se me deixarem partir em paz, pouparei este homem. Senão, será a sua vida contra a minha! Escolham!...

Num esforço terrível, o cavalo evita a catástrofe.
Esta sorte insolente exasperava Arbacés que está decidido a acabar com o seu inimigo.
O rapaz apercebera-se, no último momento, do gesto assassino do grego e tenta o impossível para parar o animal.
ARBACÉS!...
Num salto, o centurião agarra-o e segura-o com firmeza.
O que permite a Alix saltar para o chão.
Ah! Larga-me!
É um criminoso!... Foi condenado à morte!
Basta! Portas-te como um cobarde!
Desejo-te que nunca venhas a lamentar essas palavras.
Nesse momento, Rufus e os companheiros desembocam na rua.
Alix!... Vivo!...
Arbacés volta-se e empalidece diante do novo perigo que o ameaça.
Aproveitando-se da confusão, recua na direcção do ferido, ainda inerte...
... e apoiando a espada sobre o moribundo, grita:
Eh!... Um gesto suspeito e mato o vosso amigo.
Mas é Toraya!
Não te mexas, Alix!
Estais já a celebrar a vitória!? E que vitória!... Marsalla e Marcus despedaçados pelos leões, os guardas de Pompeu dispersos, e eu, só, à vossa mercê!... Cantais vitória muito cedo!...
Se me deixarem partir em paz, pouparei este homem. Senão, será a sua vida contra a minha! Escolham!...

Não receias que ele te escape?... Não me pareces muito apressado!
Não! De quê e de quem desconfiará ele? Não sabe o que o espera!
Súbito, o conviva apercebe-se de uma sombra que passa diante da janela.
Desculpa-me, por instantes, amigo. Tenho de ir ver o palanfreneiro.
Faz o favor.
O homem precipita-se para o pátio.
O meu cavalo, depressa!
E, pouco depois, cavalga para o sul.
Depressa descobre Arbacés e se esforça por o alcançar.
Pára. Por Júpiter!... Tenho de te falar. Nada receies, não estou armado.
Não, larga a espada, Arbacés, e escuta-me.
Então, fala!...
Vamos para trás daquela árvore.
Tu surpreendeste uma conversa na estalagem. O homem dizia a verdade: recebeu ordem de te prender, mas Pompeu encarregou-me de o espiar. Quer que escapes à justiça romana, e vás para o Egipto onde aguardarás as suas ordens. Considerar-te-ão desaparecido e Pompeu reconquistará a confiança de César.
Aqui estão as ordens pormenorizadas. Decora-as e destrói-as.
Um navio espera por ti em Óstia: "O Mercúrio"... Vai.
Pouco depois, o mensageiro chega à estalagem.
Cá estou! Demorei-me muito, não é?
Foi pena. Gostaria de acabar a refeição contigo, mas devo partir.
Entretanto, a muitas léguas dali, César mostra-se muito nervoso.
Súbito, exclama:
Esperei demasiado... Levantem o acampamento: partimos.

Ao sair da tenda com César, um oficial levanta o braço e exclama:

Ei-los, meu general! Olhe, distinguem-se nitidamente os mantos vermelhos.

Uma coluna encaminha-se para o acampamento: quatro soldados transportam o corpo de Toraya.

Depois, destacando-se do grupo, Rufus e Alix dirigem-se para o Cônsul.

Meu general, Toraya morreu como um herói, depois de ter aguentado sozinho os guardas de Pompeu. Marsalla e Marcus morreram, mas Arcabés conseguiu fugir. Corre o boato de que Pompeu o mandou prender.

Duvido!

Que façam ao bravo Toraya funerais dignos dele. Rufus encarrega-te disso. Tu, Alix, vem comigo.

Gostaria de fazer qualquer coisa por ti, meu rapaz!... Queres acompanhar-me até às fronteiras da Gália?

A Gália!... Toraya também queria levar-me até lá! Mas nunca mais poderei agradecer-lhe a sua generosidade.

Aceito a oferta, meu general, Graças a si voltarei, enfim, a ver o meu país... Quando partimos?

De madrugada.

Uns dias mais tarde, o exército romano atravessa os Alpes. No meio da neve e do frio, homens e animais avançam lentamente, numa fila interminável.

À cabeça da coluna, César e os seus ajudantes perscrutam as cercanias porque as emboscadas dos gauleses são temíveis.

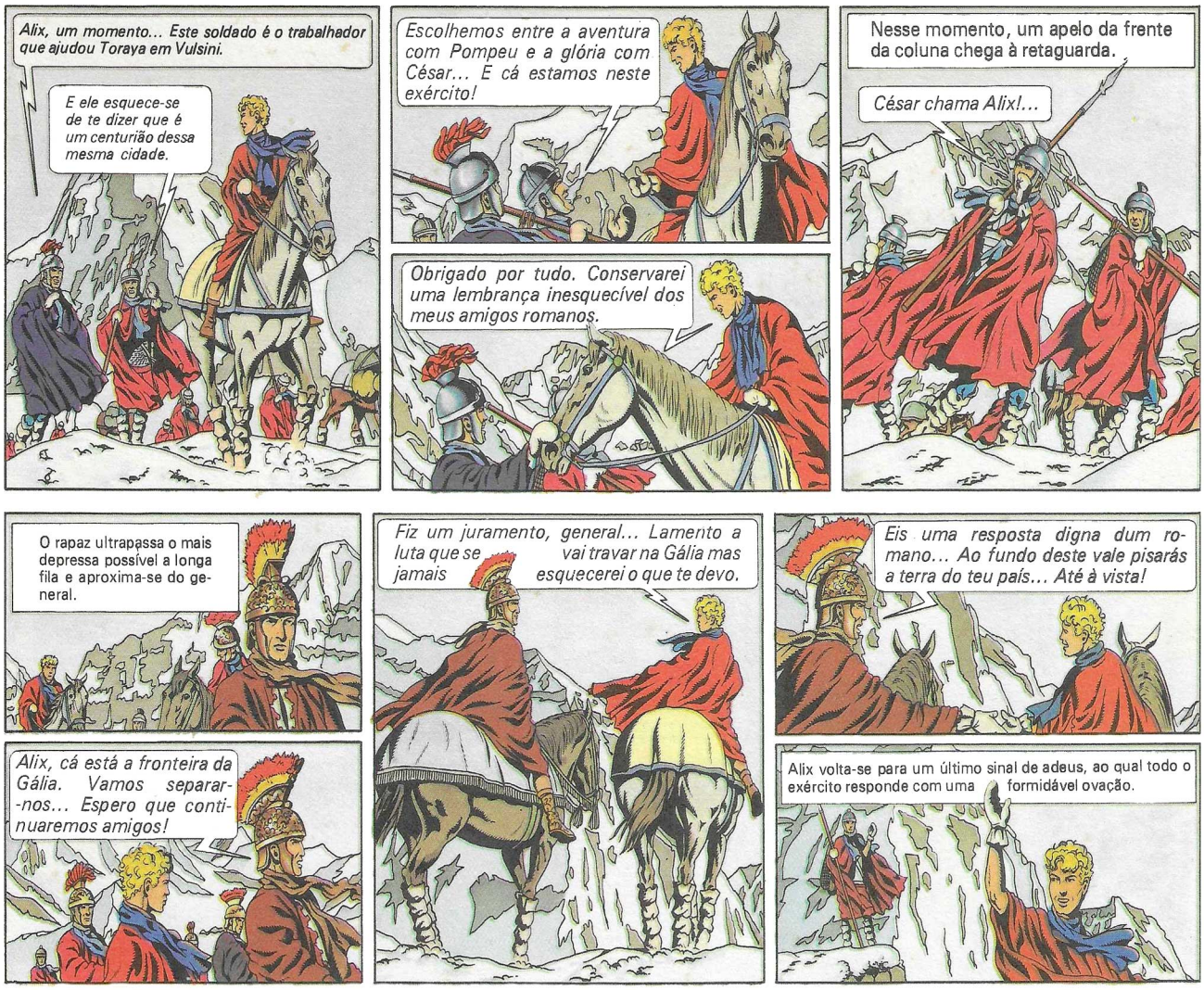
Alix, esse, caminha com os legionários e as mulas que formam a retaguarda.

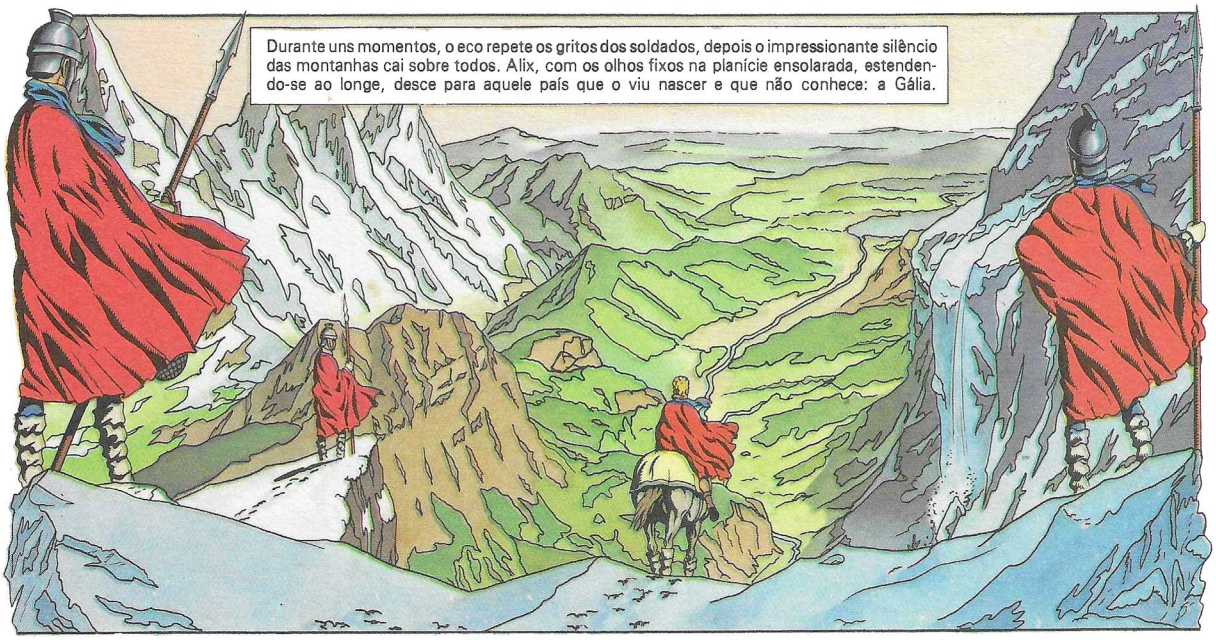
Súbito um soldado grita:

Não estarei com visões?...

É ele mesmo, não é?

Com certeza!...


Alix, um momento... Este soldado é o trabalhador que ajudou Toraya em Vulsini.
E ele esquece-se de te dizer que é um centurião dessa mesma cidade.
Escolhemos entre a aventura com Pompeu e a glória com César... E cá estamos neste exército!
Obrigado por tudo. Conservarei uma lembrança inesquecível dos meus amigos romanos.
Nesse momento, um apelo da frente da coluna chega à retaguarda.
César chama Alix!...
O rapaz ultrapassa o mais depressa possível a longa fila e aproxima-se do general.
Fiz um juramento, general... Lamento a luta que se vai travar na Gália mas jamais esquecerei o que te devo.
Eis uma resposta digna dum romano... Ao fundo deste vale pisarás a terra do teu país... Até à vista!
Alix, cá está a fronteira da Gália. Vamos separar-nos... Espero que continuaremos amigos!
Alix volta-se para um último sinal de adeus, ao qual todo o exército responde com uma formidável ovação.


Durante uns momentos, o eco repete os gritos dos soldados, depois o impressionante silêncio das montanhas cai sobre todos. Alix, com os olhos fixos na planície ensolarada, estendendo-se ao longe, desce para aquele país que o viu nascer e que não conhece: a Gália.

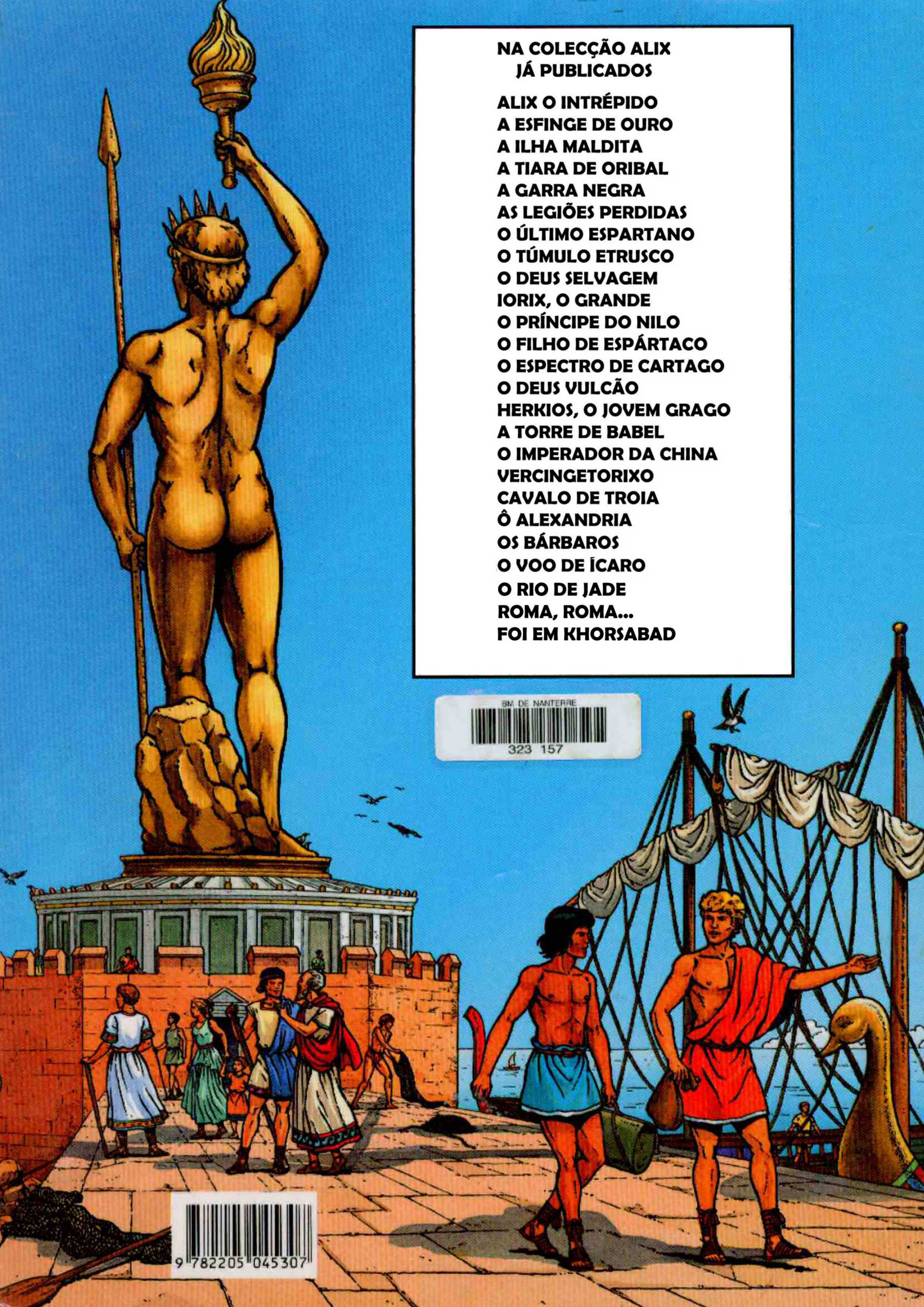
FIM

Título original: ALIX L'INTRÉPIDE
© Editions Casterman, Paris-Tournai
Tradução de João Fonseca Amaral

Executado por: Peres - Artes Gráficas
Agosto de 1981

Direitos reservados para língua portuguesa

EDIÇÕES 70 — Avenida Duque de Ávila, 69-r/c. Esq. — 1000 LISBOA
Telefs.: 57 20 01 - 55 68 98 - 57 83 65
Delegação no Norte: Rua da Fábrica, 38-2.º Sala 25 — 4000 PORTO
Telef.: 38 22 67



NA COLECÇÃO ALIX
JÁ PUBLICADOS

ALIX O INTRÉPIDO
A ESFINGE DE OURO
A ILHA MALDITA
A TIARA DE ORIBAL
A GARRA NEGRA
AS LEGIÕES PERDIDAS
O ÚLTIMO ESPARTANO
O TÚMULO ETRUSCO
O DEUS SELVAGEM
IORIX, O GRANDE
O PRÍNCIPE DO NILO
O FILHO DE ESPÁRTACO
O ESPECTRO DE CARTAGO
O DEUS VULCÃO
HERKIOS, O JOVEM GRAGO
A TORRE DE BABEL
O IMPERADOR DA CHINA
VERCINGETORIXO
CAVALO DE TROIA
Ô ALEXANDRIA
OS BÁRBAROS
O VOO DE ÍCARO
O RIO DE JADE
ROMA, ROMA...
FOI EM KHORSABAD

BM DE NANTERRE
323 157

9 782205 045307